

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Simone Maidel

**RELAÇÕES ENTRE ESTILO PARENTAL E ESTILO
PARENTAL NA INTERNET E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA A EXPOSIÇÃO AO RISCO *ONLINE***

Tese submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Santa
Catarina, para a obtenção do Grau
de Doutor em Psicologia.
Orientador: Mauro Luis Vieira

FLORIANÓPOLIS
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Maidel, Simone

Relações entre estilo parental e estilo parental na internet e suas implicações [tese] / Simone Maidel ; orientador, Mauro Luis Vieira - Florianópolis, SC, 2012. 210 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Estilo parental, Estilo parental típico na internet, Exposição ao risco online. I. Vieira, Mauro Luis . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Simone Maidel

***Relações entre Estilo Parental e Estilo Parental na Internet, e suas
Implicações para a Exposição das Crianças ao Risco Online***

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

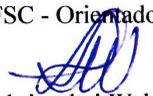
Florianópolis, 02 de agosto de 2012.



Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



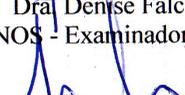
Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)



Dra. Lidia Dobrianskyj Weber
(PPGP – UFPR - Examinadora)



Dra. Denise Falcke
(PPGP – UNISINOS - Examinadora)



Dr. Emílio Takase
(PPGP - UFSC - Examinador)



Dra. Ana Maria Xavier Faraco
(UFSC - Examinadora)

Dedico esta tese aos meus pais, em reconhecimento a todo esforço, amor e dedicação que empregaram na criação e educação dos filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que acompanharam minha trajetória e que, de alguma forma, contribuíram para a realização de mais esta etapa de aperfeiçoamento, em especial:

Aos meus pais, Evaldo e Lucia Maidel, que desde a tenra idade sempre valorizaram, estimularam e incentivaram minha vida escolar e acadêmica;

Ao meu esposo, Felipe, cujo incentivo, apoio e suporte sempre foram imprescindíveis para meu aprimoramento pessoal e profissional;

Ao prof. Emílio Takase, por orientar-me durante os dois primeiros anos do doutorado e pelas contribuições e questionamentos como avaliador desta tese;

Ao prof. Mauro Luis Vieira, por aceitar minha orientação e por todo suporte na realização deste trabalho, e também, por permitir que eu trilhasse com independência e autonomia os percalços desta tese;

A profa. Ana Maria Faraco, parceira nos trabalhos do NEPeDI, por sua disponibilidade para discutir os trabalhos do grupo; e também, pelas contribuições como avaliadora desta tese;

As profas. Lidia D. Weber e Denise Falcke, por aceitarem participar da banca avaliadora, e também, por todos os seus comentários, sugestões e apontamentos, preciosos para o aprimoramento desta tese;

Aos bolsistas de apoio técnico do NEPeDI, Wagner Saldanha e André Luis Silva, pelo auxílio na tabulação dos dados e atividades desenvolvidas durante o período, e em especial, a bolsista Eloisa Carolina Fernandes, que com boa vontade, dedicação e responsabilidade me acompanhou na etapa final desta trajetória;

Aos colegas do PPGP/UFSC, Luana Raimundo, Marlene Zwierewicz, Carina Nunes Bossardi, Eloisa H. T. Fortkamp e Viviane Vieira, pelas amplas conversas e discussões “sobre tudo”, que certamente enriqueceram as experiências deste período, e em especial, a Igor Reszka Pinheiro, que ainda contribuiu em inúmeras questões referentes a tese, especialmente na parte de estatística; e também, a Diuvani Tomazoni Alexandre pelo inestimável auxílio na coleta de dados;

Ao amigo Paulo R. D. Maia, com quem compartilhei muitas de minhas inquietações, pelo apoio e palavras de incentivo que sempre tornaram o caminho mais agradável; e ainda, aos amigos Antonio Arnúbio (e Carla) e Ricardo Devêze Oliveira Lima, pelo incentivo e grande torcida por minhas conquistas acadêmicas;

Aos meus alunos que, ao longo de 5 anos de experiência docente, mostraram-me na prática a importância de buscar o equilíbrio entre exigência e responsividade;

As escolas, aos pais e as crianças que participaram deste estudo, por oportunizá-lo;

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, pela competência e presteza na realização de seus trabalhos;

A CAPES, pela bolsa fornecida durante o ano de 2011.

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.

Bill Gates

Maidel, S. **Relações entre Estilo Parental e Estilo Parental na Internet e suas implicações para a Exposição ao Risco *Online***. Florianópolis, 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luis Vieira.

Defesa: 02/08/2012.

RESUMO

O uso da internet em casa pelas crianças cada vez mais novas tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, e com ele, a possibilidade de contato com material impróprio ou pessoas desconhecidas quando estão *online*. Esta tese objetivou investigar as relações entre o estilo parental (EP) e o estilo parental típico na internet (EPI) e as implicações destes no uso e na exposição de crianças (de 7 a 12 anos) ao risco *online*. Participaram 242 crianças e 159 pais, que responderam um questionário autoaplicável com opções de resposta do tipo Likert. Em conjunto, nossos resultados revelaram: o excesso de uso da internet pelas crianças; o desconhecimento e a pouca exigência dos pais e a correspondência entre o EP e o EPI. Também indicam que o estilo adotado pode ser um preditor para o comportamento das crianças na internet (o estilo negligente foi o predominante na amostra e também foi associado a maiores níveis de uso e de exposição ao risco). Porém, diferente do comumente encontrado na literatura, em nosso estudo o estilo autoritativo não se mostrou associado a redução do uso ou de exposição ao risco das crianças, mas sim o estilo indulgente. Estes resultados, embora devam ser relativizados devido a algumas particularidades do estudo, merecem especial atenção porque refletem desconhecimento e descuido dos pais quanto ao gerenciamento do uso (excessivo) da internet pelos filhos, o que certamente prejudica a orientação adequada das crianças e por conseguinte, seu uso responsável e seguro.

Palavras chave: estilo parental, estilo parental típico na internet, exposição aos riscos *online*, crianças, internet

Maidel, S. **Relações entre Estilo Parental e Estilo Parental na Internet e suas implicações para a Exposição ao Risco Online.** Florianópolis, 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luis Vieira.

Defesa: 02/08/2012.

ABSTRACT

Internet's use at home by children younger has increased considerably in recent years, and with it, the possibility of they're seeing inappropriate material or having contact with strangers when are online. This thesis aimed to investigate the relationship between parenting style (PS) and internet parenting style (IPS) and their implications in the use and exposure by children (7-12 years) to some risks online. 159 parents and 242 children who participated answered a self-administered survey. Taken together, our results revealed: excessive Internet's use by children; unawareness and lower requirement by parents on children's internet use; and correspondence between the PS and IPS. Furthermore, it also indicated that the style adopted can be a predictor of children's behavior on the Internet (the neglectful style was predominant in the sample and was also associated with higher levels of use and with of the exposure to risk). However, contradictory of the usually established in the literature, in our study the authoritative style wasn't associated with reduced use or reduced exposure of children to risk online, but the indulgent style was. These results, although must be relativized due to some peculiarities of the study, deserve special attention because they reflect ignorance and carelessness of parents concerning the management of the use (excessive) of the Internet by children, which certainly affect the proper guidance of children and consequently their responsible use and safe of the internet.

Keywords: parenting style, parenting style typical of the Internet, *online* risks, children, internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nicho de Desenvolvimento	19
Figura 2: Modelo Teórico das Etnoteorias Parentais	20
Figura 3: Classificação do nível de uso da internet pelas crianças	82
Figura 4. Nível de uso da internet pela amostra	83
Figura 5. Nível de exposição ao risco das crianças	85
Figura 6. Classificação do estilo parental na internet	90
Figura 7. Classificação do estilo parental	93
Figura 8. Comparação entre a classificação do estilo parental e do estilo parental na internet na amostra de pais	97
Figura 9. Comparação entre a classificação do estilo parental e do estilo parental na internet na amostra de crianças	102
Figura 10. Relação entre as médias do índice de uso da internet das crianças e o estilo parental, a partir das respostas dos pais	109
Figura 11. Relação entre as médias dos escores de exposição das crianças ao risco e o estilo parental, a partir das respostas das crianças.....	111
Figura 12. Relação entre as médias dos escores de usa da internet pelas crianças o e o estilo parental na internet, a partir das respostas das crianças	112
Figura 13. Relações observadas entre as principais variáveis do estudo a partir das respostas dos pais e das crianças.....	118

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Parâmetros para classificação do nível de uso	56
Tabela 2: Parâmetros para classificação do nível de exposição ao risco <i>online</i>	57
Tabela 3: Parâmetros utilizados para a classificação do estilo parental na internet	59
Tabela 4: Parâmetros utilizados para a classificação do estilo parental.	60
Tabela 5. Apresentação da Escala de Estilo Parental na Internet	74
Tabela 6. Apresentação da Escala de Estilo Parental	75
Tabela 7. Apresentação da Escala de Exposição ao Risco <i>Online</i>	76
Tabela 8. Características sociodemográficas da amostra	78
Tabela 9. Comparação entre as respostas de pais e filhos às perguntas que permitem o cálculo do Índice de Uso da Internet das crianças	80
Tabela 10. Principais comportamentos de exposição ao risco conforme a frequência de respostas “sempre” e “quase sempre”	88
Tabela 11. Relação entre a classificação do estilo parental e a faixa etária obtida a partir das respostas das crianças	92
Tabela 12. Relação entre dimensões da escala de estilo parental na internet (EPI) e da escala de estilo parental (EP) a partir das respostas dos pais	99
Tabela 13. Relação entre dimensões da escala de estilo parental na internet (EPI) e da escala de estilo parental (EP) a partir das respostas das crianças	104

Tabela 14. Dimensões das escalas de estilo parental e estilo parental na internet e suas relações com o uso da internet e a exposição das crianças ao risco	113
Quadro 1. Principais resultados obtidos na primeira parte da análise de resultados	94
Quadro 2. Principais resultados obtidos a partir da análise das respostas dos pais	101
Quadro 3 Principais resultados obtidos a partir da análise das respostas das crianças	107
Quadro 4. Visão geral dos principais aspectos e resultados	115

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Objetivo Geral	09
1.2 Objetivos Específicos	09
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO	11
2.2 ESTILOS PARENTAIS	22
2.2.1 Estilo Parental Internet	31
2.2.2 Mediação Parental	35
2.3 RISCOS NO USO DA INTERNET PELAS CRIANÇAS.....	41
3. HIPÓTESES	49
4. MÉTODO	51
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	51
4.2 CONTEXTO DE PESQUISA	53
4.3 PARTICIPANTES	53
4.4 INSTRUMENTO.....	54
4.5 PROCEDIMENTOS	61
4.5.1 Aspectos Éticos	61
4.5.2 Desenvolvimento dos Instrumentos	61
4.5.3 Seleção do Contexto da Pesquisa	64
4.5.4 Coleta de Dados	65
4.5.5 Análise dos Dados	66
4.5.6 Tratamento dos Dados	67
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	69
5.1 ESTUDOS DE VALIDADE E CONFIABILIDADE DAS ESCALAS	69
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	75
5.2.1 Caracterização do Acesso a Internet	76
5.3 NÍVEL DE USO DA INTERNET	77
5.4 EXPOSIÇÃO AO RISCO ONLINE	82

5.5 ESTILO PARENTAL	87
5.5.1 Estilo Parental na Internet	87
5.5.2 Estilo Parental	90
5.6 SÍNTESE DOS RESULTADOS	92
5.7 RELAÇÕES ENTRE ESTILO PARENTAL E ESTILO PARENTAL NA INTERNET	93
5.7.1 Na visão dos pais	94
5.7.2 Na visão dos filhos	100
5.8 RELAÇÕES ENTRE ESTILO PARENTAL, ESTILO PARENTAL NA INTERNET, NÍVEL DE USO E EXPOSIÇÃO AO RISCO ONLINE	107
5.8.1 Na visão dos pais	107
5.8.2 Na visão dos filhos	109
6. VISÃO GERAL DA TESE.....	113
7. DISCUSSÃO.....	117
8. CONCLUSÕES.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
APÊNDICES	140
APÊNDICE A: termo de consentimento livre e esclarecido	141
APÊNDICE B: convite de participação enviado as escolas	143
APÊNDICE C: questionário aplicado com os pais	146
APÊNDICE D: questionário aplicado com as crianças	162

1. INTRODUÇÃO

O crescente acesso das crianças, cada vez mais novas, ao universo dos computadores, da Internet, celulares, e de outras tecnologias digitais, transforma consideravelmente o seu dia a dia, especialmente pelo uso habitual e massivo destes recursos tanto para tarefas escolares e pesquisas, quanto para comunicação e, sobretudo, divertimento. Tal fato, especialmente com relação a internet, tem interessado pesquisadores de diferentes áreas e, conseqüentemente, levado ao conhecimento de implicações positivas e negativas relacionadas ao seu uso.

Desde 2006, por exemplo, a Associação Americana de Pediatria considera que o uso diário da internet por períodos de 4 horas ou mais é um uso excessivo, pois ultrapassa em muito o tempo que as crianças e adolescentes gastam envolvidos com qualquer outra atividade (a exceção do sono), e alerta que tal exagero encontra-se associado a uma série de prejuízos a saúde das crianças e adolescentes, como insônia, agitação, obesidade, tendinite, problemas de visão, etc.. (Barkin, Edward, Richardson, Klinepeter, Finch & Krcmar, 2006). Além disso, o uso demasiado da internet também vem sendo associado a problemas sociais e psicológicos, como comportamentos e pensamentos agressivos (Swing, Gentile & Andersen, 2008), comportamentos de dependência/vício (Sim, Gentile, Bricolo, Serpelloni, & Gulamoydeen, 2012), de depressão e isolamento social (Morrison & Gore, 2010), de ansiedade e estresse (Mendes, 2011), de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (Rodríguez & Morales, 2007). Por outro lado, dentre as implicações positivas, o uso frequente da internet vem sendo associado ao favorecimento de diferentes tipos de aprendizado e competências; como por exemplo, a melhoraria de habilidades de leitura de crianças com um baixo desempenho inicial (Jackson, Eye, Witt, Zhao & Fitzgerald, 2011); o despertar de aptidões como a literacia, ou seja, a capacidade de acessar, avaliar e usar a informação de forma eficiente (Ponte & Vieira, 2009); e também, ao estímulo de várias habilidades envolvidas no processamento e seleção de informações, na tomada de decisão e no estabelecimento de estratégias de solução de problemas (Wilson, Bedwell, Lazzara, Salas, Burke, Estock *et al.*, 2009).

Além de tais reflexos, e de outros aqui não mencionados, vem preocupando um número cada vez mais expressivo de pesquisadores (Ey & Cupito, 2011; Garmendia, Garitaonandia, Martínez & Casado, 2011;

Maidel, 2009; Maidel & Vieira, submetido; Leung & Lee, 2011; Lobe, Livingstone, Ólafsson, & Vodeb, 2011; Valcke, De Wever, Van Keer & Schellens, 2011) o fato das crianças que passam muito tempo *online* também estarem mais vulneráveis a uma variedade de riscos potenciais associados a utilização imprópria e ilegal da internet, como por exemplo, de se envolverem ou de se depararem com material (informações, imagens, vídeos, linguajar, etc.) de cunho extremamente ofensivo, seja ele racial, ideológico, violento/agressivo ou pornográfico; e ainda, de se depararem com pedófilos e outros tipos de marginais, e até mesmo, de se envolverem em situações de invasão de privacidade, manipulação, exploração e *cyberbullying*.

Levando em conta que casa da família é apontada pelas crianças como o lugar mais comum para o uso da internet (Comitê Gestor da Internet Brasil, 2011; Hasebrink, Görzig, Haddon, Kalmus & Livingstone, 2011; Valcke, Bonte, De Wever & Rots, 2010), evidencia-se o papel central dos pais nesse processo. E pode-se dizer que não apenas no que se refere a aquisição de tais recursos (como computador, modem e provedor, por exemplo), mas também na escolha do momento (idade) em que seus filhos terão acesso a internet, no gerenciamento deste acesso em termos de quantidade e qualidade, e ainda, na educação dos filhos para o uso responsável e seguro da mesma. E um dos temas frequentemente abordados na literatura sobre o uso da internet pelas crianças diz respeito aos perigos a que estão expostas e a mediação que os pais exercem sobre as atividades *online* dos filhos. Inclusive, de acordo com a pesquisadora Wartella (2002), embora muitas pesquisas sugiram o ganho de habilidades cognitivas das crianças por meio do uso de recursos tecnológicos, é possível que o ganho cognitivo observado nesses estudos seja muito mais decorrente da “atenção extra” que os pais dão a essas crianças do que a simples possibilidade de acesso e uso (ou não) de referida tecnologia. A este respeito, também Ferreira e Barrera (2010) acreditam que ambientes familiares repletos de recursos capazes de potencializar as habilidades cognitivas e a aprendizagem da criança não são suficientes para que isso aconteça, principalmente “se não houver algum adulto que sirva de mediador para orientar e incentivar a criança a usufruir deste ambiente” (p. 463).

Comumente, as estratégias parentais em relação ao uso de mídias pelas crianças (por exemplo, o *videogame*, televisão, internet) incluem a elaboração de normas, restrições e orientações, ou seja, se utilizam de explicações, conversas, exemplos, observação, supervisão e também, definem condições (quando e onde), restringem o tempo e lançam regras de uso para a criança, como por exemplo, só após as

tarefas escolares (Çankaya & Odabasi, 2009). Quanto ao uso da internet, as estratégias mais rigorosas e restritivas dos pais parecem prevenir comportamentos de risco em comunicação *online* de crianças e adolescentes tanto quanto a mediação ativa. Porém, esta última, além de também mostrar-se mais associada a capacidade das crianças de ficarem menos chateadas quando se deparam com riscos *online*, está associada a um número maior de atividades e de habilidades das crianças na internet (Duerager & Livingstone, 2012; Rosen, Cheever & Carrier, 2008; Valcke, 2011).

A redução da exposição de crianças a riscos *online* sem reduzir as oportunidades são decorrências altamente desejáveis, mas vários pesquisadores (Duerager & Livingstone, 2012; Eastin *et al.*, 2006; Livingstone & Helsper, 2010; Pijpers & Pardoën, 2009; Spizzirri, 2008; Valcke *et al.*, 2010) alertam que os resultados neste campo ainda devem ser considerados com muita cautela, acima de tudo, devido ao número limitado de pesquisas empíricas que focam sobre o papel e o impacto das estratégias adotadas pelos pais com relação ao uso da internet pelas crianças, e bem menos ainda, sobre sua efetividade ou possíveis repercussões. Além disso, os pais enfrentam grandes dificuldades e inseguranças no campo da orientação e supervisão dos filhos na internet, principalmente porque, como pontua Prensky (2001), pertencem a uma geração de “imigrantes digitais” que ainda se habitua gradualmente as tecnologias digitais e, como tal, não conhecem nem dominam tão bem as particularidades deste recurso quanto os filhos, conhecidos como “nativos digitais” porque já nasceram imersos nestas tecnologias e possuem grande afinidade e facilidade no uso das mesmas.

A este respeito, Duerager e Livingstone (2012); Hasebrink *et al.* (2011), Leung e Lee (2011) e Yardi e Bruckman (2011) evidenciam que apesar do processo de parentalidade estar historicamente condicionado, cada geração de tecnologia (como a televisão, *videogame* e celular, por exemplo) traz novos desafios aos pais, e com a internet, parece que estes desafios aumentaram. Eles observam que diante a ausência de conhecimento, habilidade ou perícia por parte dos pais com os novos aparatos ligados à tecnologia ou informática, é possível que as estratégias parentais relacionadas ao uso da internet pelas crianças não sejam as mais adequadas ou, até, que os pais prefiram uma participação menos ativa neste setor da vida dos filhos. Nesse sentido, ressaltam a importância de investigações que envolvam os mais variados aspectos do papel dos pais no uso que as crianças fazem da internet para que se

possam vislumbrar as implicações que tal processo sobre o desenvolvimento infantil.

Como os resultados de análises baseadas em práticas parentais específicas também podem se perder na complexidade de outros atributos parentais que influenciam o desenvolvimento da criança (Darling & Steinberg, 1993), desde Baumrind (1965, 1966, 1968), o estilo parental vem sendo utilizado como um meio mais consistente e preciso de investigar o impacto das práticas parentais em várias dimensões da vida da criança. Especialmente, por evitar o risco de interpretações erradas a respeito de associações entre aspectos isolados da conduta dos pais e características dos filhos (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004) e por associar-se a um amplo corpo de evidências na literatura como um fator chave para o entendimento do desenvolvimento acadêmico, cognitivo, social e comportamental de crianças e adolescentes (Kim, 2011).

A investigação de Eastin *et al.* (2006) acerca da influência do estilo parental sobre a mediação do uso da internet por adolescentes encontrou que os pais foram predominantemente classificados como autoritários e autoritativos¹, e que os quatro estilos impactam de alguma forma sobre o tipo de mediação utilizada, especialmente sobre a mediação restritiva e o “uso acompanhado”. O estudo de Rosen *et al.* (2008) para avaliar as relações entre o estilo parental, limite de tempo e monitoramento sobre a prevalência de perigos no uso do *MySpace* pelos adolescentes encontrou que a maioria dos pais foram classificados como autoritativos ou negligentes; e ainda, que os filhos de pais autoritativos receberam mais limites e foram mais monitorados do que aqueles com pais autoritários e indulgentes. Mais recentemente, Valcke *et al.* (2010) investigaram os estilos parentais típicos na internet e sua relação com o uso real da internet por crianças e encontraram que os pais foram classificados, em sua ampla maioria, como autoritativos, seguidos em menor número pelo estilo indulgente, autoritário e negligente. Encontraram também que os pais aplicam maiores ou menores níveis de controle (e de responsividade) de acordo com a sua própria experiência com a internet, e com a visão que possuem da experiência dos filhos, sendo mais controladores os pais com menos conhecimento ou que avaliam o filho como pouco experiente na internet.

¹ também referido na literatura nacional como *autorizante*, traduções adotadas para o termo *authoritative*.

Este contexto de investigação (estilo parental e internet) ainda representa um campo novo de pesquisa e a base empírica de informação disponível mostra-se longe de ser suficiente para entender a questão. Primeiro, porque dentro deste domínio ainda são escassos os estudos investigando o estilo parental e suas relações com diversos aspectos do uso da internet, sobretudo no que se refere às suas implicações para o uso das crianças mais novas ou as influências que poderiam alterar o estilo parental neste contexto, por exemplo. Depois, porque as pesquisas existentes acerca do estilo parental e internet focam apenas no “controle” ou apenas no “suporte” empregado pelos pais (pouquíssimas consideram ambas as perspectivas) e, também, porque estas pesquisas ainda trazem resultados bastante controversos ou inconclusivos, talvez por basearem-se somente na criança ou adolescente (principais fontes de informação), já que dificilmente se baseiam em dados recolhidos dos próprios pais, ou de pais e filhos (Duerager & Livingstone, 2012; Eastin *et al.*, 2006; Hasebrink *et al.*, 2011; Leung & Lee, 2011; Lou, Shih, Liu, Guo & Tseng; 2010; Rosen, *et al.*, 2008; Valcke *et al.*, 2010).

Para ter-se ideia de um panorama nacional dos estudos acerca desta temática, foi realizada (em maio de 2012) uma busca no Banco de Teses da Capes², que faz parte do Portal de Periódicos³ da Capes/MEC e facilita o acesso a informações sobre teses e dissertações (defendidas desde 1987) junto a programas de pós-graduação do país⁴. Levando em conta os longos períodos de espera para publicação de artigos científicos em bases de dados indexados (ou não) e que estes artigos, geralmente, decorrem dos estudos realizados durante o mestrado e doutorado, tal procedimento para a pesquisa pareceu mais adequado. Inclusive, utilizou-se da própria ferramenta de busca e consulta disponibilizada no site para, a partir dos critérios “palavra exata” e “todas as palavras”, verificar os resumos de teses e dissertações, independente do ano de defesa. A busca pela expressão exata “estilo parental” resultou em 49 dissertações de mestrado e 22 teses, sendo em sua maioria, da área de Psicologia e relacionados a vários aspectos de criação dos filhos (sobretudo adolescentes e pré-adolescentes). Já a busca pelo termo “internet” resultou em 5.812 dissertações de mestrado e 967 teses de

² <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

³ <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

⁴As informações são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados.

doutorado, revelando um grande interesse dos pesquisadores brasileiros das mais variadas áreas de conhecimento (por exemplo, psicologia, sociologia, computação/engenharia, medicina, administração, informática, linguística, e, especialmente, a área de educação). Contudo, observou-se que nenhum resumo foi encontrado quando foram inseridas na busca, conjuntamente, as palavras “estilo parental” e “internet”, sugerindo que no Brasil este campo ainda não foi explorado como temática de investigação. Quando as palavras “internet” e “crianças” foram buscadas juntas, encontrou-se 121 dissertações e 20 teses de doutorado, porém, uma análise detalhada dos resultados revelou que muitos destes trabalhos encontravam-se mais relacionados as áreas da educação, linguística e tecnológica ou mesmo, eram de caráter mais descritivo ou mais voltados para os efeitos e consequências (acadêmicos e sociais por exemplo) do uso da internet para os adolescentes. Dando continuidade a busca, um aspecto chamou a atenção. Embora o resultado para a busca com as palavras “crianças” e “risco”⁵ tenha indicado 2.344 dissertações e 782 teses, e para as palavras “internet” e “risco”, 152 dissertações e 46 teses, quando se especificou a busca para as três palavras juntas (internet, riscos e crianças, ou em alternativa, internet, perigos e crianças) o resultado caiu dramaticamente para apenas 5 dissertações e 1 tese, sendo que apenas duas dissertações abordam o uso da internet pelas crianças ou adolescentes como foco. O mesmo ocorreu quando, em conjunto, foram buscadas as palavras “crianças”, “riscos” e “estilo parental” (apenas 7 dissertações); e, ainda, “internet”, “riscos” e “pais” (21 dissertações e 7 teses), sugerindo que boa parte dos resultados sobre o tema mormente abordam questões relacionadas a aspectos educacionais, comerciais, legais e funcionais do uso da internet, e não relacionados (diretamente) ao gerenciamento parental de tal uso. Especificamente no Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Santa Catarina, dentre as 425 dissertações e teses defendidas desde o início do programa (1997) até 2011 e disponíveis em seu site⁶, independente da área e linha de pesquisa, não foi observado registro de pesquisa com foco principal no uso da internet por crianças e adolescentes, tão pouco, estudos relacionados ao comportamento dos pais dos pais alusivo ao uso da internet pelas mesmas.

⁵ Alternativamente, a palavra “perigo(s)” foi empregada para ampliar e verificar os resultados desta busca.

⁶ <http://ppgp.ufsc.br/?s=m%C3%ADdia&x=0&y=0#teses-e-dissertacoes>.

Pelos dados apresentados, percebe-se que a produção científica sobre o tema no cenário nacional não é atípica e, de certa forma, reflete a carência de estudos acerca do envolvimento dos pais com o crescente uso da internet pelas crianças, conforme já vem sendo destacado no âmbito internacional. Outro aspecto bastante importante quanto a esta lacuna é que embora o termo “estilo parental típico na internet” comece a ser utilizado na literatura e sugira, até, uma diferença entre este o estilo parental empregado para internet e o empregado para outros aspectos da vida da criança (para detalhes, ver Valecke *et al.*, 2010); não há notícia de estudos que investiguem se os pais empregam estilos parentais iguais ou diferentes nestas duas condições.

A partir das observações elencadas até o momento, surge a intenção desta tese.

Tendo em vista as informações disponíveis sobre os vários benefícios e riscos envolvidos no uso da internet pelas crianças, bem como, os desafios inéditos enfrentados pelos pais (especialmente no que diz respeito ao conhecimento e uso de tais tecnologias e a orientação/supervisão dos filhos), será que os pais quando guiam o comportamento dos filhos no uso da internet empregam o mesmo estilo parental já adotado para outros aspectos da vida da criança? Ou seja, será que os pais alteram os níveis de exigência e responsividade habitualmente empregados em outros setores da vida do filho quando se trata do uso da internet pelos mesmos? E ainda, será que estilo parental é suficiente para oportunizar às crianças uma navegação *online* mais segura?

Para tentar responder estas dúvidas, neste estudo, trabalhou-se com a seguinte pergunta de pesquisa: *Quais as relações entre estilo parental e estilo parental na internet, e de que maneira eles se relacionam com a exposição das crianças (de 7 a 12 anos) ao risco online?*

Acredita-se que, além da originalidade contida no tema proposto e no problema formulado e, também, sua relevância científica dentro do panorama nacional e internacional, este estudo possa trazer subsídios para novas e mais aprofundadas investigações (especialmente no PPGP/UFSC), e ainda, que a partir do conhecimento produzido também possa colaborar com a orientação de outros pais, educadores e profissionais ligados à infância no que diz respeito ao aconselhamento, desenvolvimento e direcionamento de práticas e atitudes capazes de favorecer os aspectos mais positivos relacionados ao uso da internet

pelas crianças, contribuindo por fim, às condições de um desenvolvimento infantil mais pleno e harmonioso.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar as relações entre estilo parental e estilo parental na internet e quais as implicações destes para a exposição de crianças (de 7 a 12 anos) ao risco *online*.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar o nível de utilização da internet de pais e filhos, levando em conta o tempo diário e a frequência semanal de uso;
- b) Verificar a ocorrência de comportamentos considerados de exposição ao risco *online* presentes na utilização da internet pelas crianças;
- c) Averiguar a correspondência entre as classificações do estilo parental adotado para guiar o uso da internet pelos filhos e do estilo adotado para aspectos gerais de criação dos filhos;
- d) Averiguar se existem relações entre o nível de uso da internet, a exposição ao risco *online* das crianças e os níveis de controle/afetividade e exigência/responsividade aplicados pelos pais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do desenvolvimento humano, contemporaneamente, tem procurado englobar e articular aspectos sócio-histórico-culturais, psicológicos e fisiológicos com o intuito de melhor apreender a complexidade desse fenômeno (Aspesi, Dessen, & Chagas, 2005; Bronfenbrenner, & Evans, 2000; Dessen & Costa Jr., 2006; Mota, 2005; Seidl de Moura & Moncorvo, 2006). Nesse sentido, parece haver consonância quanto a necessidade de se considerar a própria dinâmica e interação entre os diversos fatores envolvidos no desenvolvimento humano (filogenéticos, ontogenéticos, ambientais, socioculturais, etc), bem como a utilização de um enfoque transdisciplinar para sua compreensão. É dentro dessa perspectiva, que oportuniza a coexistência de análises e explicações de naturezas teóricas diversas para tentar entender como referidos fatores interagem, geram e influenciam mudanças observadas durante o curso da vida, que as reflexões da presente tese se inserem.

Passa-se agora, a apresentação do referencial teórico utilizado.

2.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO

2.2 ESTILOS PARENTAIS

2.2.1 Estilo Parental e Internet

2.2.2 Mediação Parental

2.3 RISCOS NO USO DA INTERNET PELAS CRIANÇAS

3. HIPÓTESES

Para responder a questão de pesquisa formulada neste estudo, trabalha-se com as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1) – embora o estilo parental refira-se ao clima emocional nos quais os pais expressam seus comportamentos e, portanto, pressupõem certa “constância”, nesta tese trabalha-se com a hipótese que o estilo parental e o estilo parental na internet não são correspondentes, ou seja, que existe diferença entre a classificação do estilo parental e a classificação do estilo parental na internet;

Hipótese 2 (H2) – existe relação entre os estilos parentais estudados (e suas respectivas dimensões), o nível de uso da internet e a exposição das crianças ao risco *online*;

Hipótese 3 (H3) – quanto maior a afetividade/responsividade parental e maior o controle/exigência adotados pelos pais para guiarem o uso da internet pelos filhos, menor o nível de uso e a menor a exposição das crianças ao risco *online*;

Hipótese 4 (H4) – pais e filhos apresentam respostas diferentes para as variáveis investigadas, ou seja, haverá diferenças entre as classificações dos estilos parentais investigados, bem como, os pais acreditam que o nível de uso da internet pelas crianças e seu nível de exposição ao risco *online* sejam menores que os relatados pelas crianças.

4. MÉTODO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A análise de obras sobre metodologia de pesquisa científica revela a falta de uma tipologia única de classificação norteadora, motivo pelo qual será feita uma ampla caracterização desta tese, levando em consideração as características do problema de pesquisa formulado e os objetivos propostos.

- ❖ com base no objeto (Gil, 2008): trata-se de uma pesquisa de campo, caracterizada pela investigação dos fatos tal como ocorrem, não sendo possível isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas entre elas;
- ❖ com base nos objetivos (Marconi & Lakatos, 2006);
- ❖ com base no delineamento e procedimentos técnicos adotados (Gil, 2008);
- ❖ com base em sua natureza (Gil, 2008; Marconi & Lakatos, 2006);
- ❖ quanto ao número de momentos ou pontos no tempo em que os dados são coletados (Sampieri, Collado & Lucio, 1991);.

4.2 CONTEXTO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas escolas com perfis bastante similares: uma localizada na Grande Florianópolis e outra na Região do Vale do Itajaí. Ambas fundamentadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e seguidoras de uma abordagem sócio interacionista, são escolas particulares de médio porte (possuem de 600 até 1.200 alunos) e oferecem desde a educação infantil até o segundo grau. Também se equiparam em termos de estrutura física e material como: auditório, sala multimídia, laboratório de informática, biblioteca, cantina/refeitório, área de convivência e lazer descoberta (pátio, parquinho) e coberta (pátio, quadras poliesportivas). Assim, as escolas participantes possuem aspectos análogos tanto em termos pedagógicos e estruturais, quanto humanos (equipe de trabalho) ou populacionais (clientela) e, até mesmo, financeiros (se for levado em consideração os valores cobrados para mensalidade).

4.3 PARTICIPANTES

Ao todo participaram deste estudo 401 respondentes, sendo 213 crianças e 140 pais (ou mães) da escola da região do Vale do Itajaí e 29 crianças e 19 pais (ou mães) da escola da Grande Florianópolis. Os critérios de inclusão adotados neste estudo foram que as crianças estivessem com idades de 7 a 12 anos, fossem alunos regulares nas escolas participantes e que os pais autorizassem sua participação assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Para participação dos pais (ou mães), o único critério de inclusão adotado (além da assinatura do TCLE) foi que tivessem pelo menos um filho participando da pesquisa.

4.4 INSTRUMENTO

Um questionário foi construído⁷ em duas versões: uma autoaplicável para envio aos pais (Apêndice C), com perguntas referentes ao uso da internet pelos filhos e como gerenciam esta utilização, e também referentes ao seu próprio uso, e uma versão semelhante para aplicação com as crianças (Apêndice D), construída a partir da adaptação de frases do instrumento adulto, com perguntas sobre seu uso e sobre alguns aspectos do comportamento dos pais relativos a esta utilização. Assim, o instrumento empregado levou em conta a visão de pais e de filhos sobre as questões investigadas nesta tese, o que além de permitir comparações entre o que dizem, também oportunizou que se contornasse uma das principais limitações observadas nos instrumentos de autoavaliação: o elevado índice de desejabilidade social⁸.

De modo geral, o questionário explorou 4 setores de interesse: I) caracterização dos respondentes; II) caracterização do acesso infantil a internet, III) nível de uso da internet e nível de exposição ao risco das crianças; e IV) estilo parental (relacionado ao uso da internet e a aspectos gerais). Para tanto, a versão enviada aos pais contou com 35 questões de múltipla escolha (fechadas) e a aplicada com as crianças com 20 questões, sendo ambas as versões avaliadas predominantemente por meio de um sistema de respostas do tipo *Likert* (de 5 pontos), cujos valores extremos indicavam maior ou menor frequência ou intensidade do aspecto averiguado (por exemplo: 1=nunca, 2=quase nunca, 3=às vezes, 4=quase sempre, 5=sempre).

Mais especificamente, além das questões de caracterização, integraram a composição do instrumento de pesquisa as medidas e escalas descritas a seguir.

⁷ Para detalhes procedimentais, ver item 3.5.2 desta tese.

⁸ De acordo com Nederhof (1985; op.cit. por Winsler, Madigan & Aquilino, 2005); o elevado índice de desejabilidade social refere-se ao fato que as respostas dadas ao próprio comportamento tendem a assumir as suas práticas ou comportamentos como os mais desejáveis e aceitáveis em termos sociais.

4.4.1 Índice de uso da Internet (IUI)

4.4.2 Escala de Exposição ao Risco na Internet (ERI)

4.4.3 Escala de Estilo Parental na Internet (EPI)

4.4.4 Escala de Estilo Parental (EP)

4.5 PROCEDIMENTOS

4.5.1 Aspectos Éticos

O projeto desta tese foi submetido a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC e aprovado em sua forma original (certificado n.387/2010). Todos os procedimentos desta pesquisa foram orientados eticamente pelos princípios da Resolução nº 196/de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, e pela Resolução nº 016/2000, de 20 de Dezembro de 2000, do Conselho Federal de Psicologia. Os procedimentos de pesquisa incluíram a elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), o esclarecimento das escolas participantes, dos pais e das crianças sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, informações sobre o anonimato que é garantido aos respondentes, sobre o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento e, ainda, sobre o futuro uso das informações coletadas (incluindo publicação de resultados em artigos e congressos).

4.5.2 Desenvolvimento do Instrumento

Os itens que compõem o instrumento foram elaborados a partir de três fontes: da revisão de literatura sobre o tema investigado, de instrumentos já existentes e de informações oriundas de um estudo preliminar (Maidel & Vieira, submetido).

Uma primeira versão do instrumento (para aplicação com os pais) foi construída com questões referentes a caracterização do acesso e do uso da internet pelas crianças, incluindo também questões sobre crenças e aspectos do gerenciamento parental relacionados a esta utilização, e ainda, sobre questões relativas ao estilo parental. Após apreciação de quatro juízes especialistas e pequenos ajustes sugeridos, o questionário foi aplicado com 50 cuidadores (pais ou mães) com filhos na faixa de 7 a 12 anos, o que permitiu apurar a clareza na formulação das questões e hipóteses das respostas fornecidas, assim como a abrangência do instrumento quanto aos objetivos estabelecidos.

Decorrente desta aplicação, verificou-se a necessidade de apreender o fenômeno estudado de forma mais próxima, motivo pelo

qual o questionário foi aperfeiçoado em seu conteúdo e forma. Além da escala de estilo parental (Weber *et al.*, 2004) que já o integrava, duas outras escalas passaram a integrar o instrumento: a de estilo parental na internet (Valcke *et al.*, 2010), e a de exposição ao risco na internet (construída para este estudo); bem como também se incluiu o índice de uso da internet, uma medida indicadora do nível de uso da internet (Valcke *et al.*, 2007).

A escala de exposição ao risco na internet (EERI) foi incluída para que verificássemos o nível de exposição ao risco das crianças e suas relações com o estilo parental. A segunda escala de estilo parental foi incluída para que verificássemos se existe equivalência entre o estilo adotado para aspectos gerais da educação dos filhos e para aspectos relacionados ao uso da internet. Já o índice de uso da internet (IUI), além de corresponder a um tipo particular de comportamento de exposição ao risco, foi incluído para que verificássemos o nível de uso da internet de pais e filhos e suas relações com as demais variáveis em análise neste estudo.

Com relação a obtenção das medidas utilizadas, a escala de estilo parental (EEP), bem como autorização para seu uso e orientações para a classificação dos estilos, conseguiu-se mediante contato direto (por email) feito pela autora desta tese com a pesquisadora principal, Lídia Weber, responsável pela validação e adaptação da escala para o uso com crianças de 9 a 12 anos no Brasil (Weber *et al.*, 2004).

Da mesma forma, tanto a escala de estilo parental na internet (EPI) quanto o IUI (acrescidos de orientação para aplicação e análise) foram obtidos mediante contato direto (por email) com o pesquisador principal responsável por sua construção, Martin Valcke, que gentilmente autorizou o uso e tradução/adaptação de tais medidas para o português - dado que originalmente foram enviadas em inglês. Para tradução e adaptação destas medidas para a aplicação com os pais e com filhos, alguns cuidados foram tomados, especialmente para minimizar enfiamentos e tentar manter a equivalência dos itens. Para tanto, estas medidas (EPI e IUI) além de traduzidas/retraduzidas, foram adaptadas culturalmente para que mantivessem sua validade de conteúdo em nossa língua e população [conforme os procedimentos técnicos recomendados por autores como Hambleton e Patsula (1998); Pasquali (2001); Viana e Madruga (2008). Mais especificamente, realizou-se uma tradução inicial inglês-português, feita por duas pessoas (uma que conhecia a temática da escala e outra que não conhecia); seguida pela retro tradução ou tradução reversa, feita a partir dos instrumentos em português por uma pessoa que não conhecia a escala original em inglês. Após esta

tradução/retradução, as medidas foram revisadas por três juízes especialistas; que avaliaram as correspondências entre o significado das palavras e o uso de expressões nos respectivos idiomas; e também, a coerência dos itens aos seus respectivos grupos (pais ou filhos) e equivalência cultural.

Quanto a escala de exposição ao risco na internet, foi desenvolvida para este estudo com base em estudo anterior (Maidel e Vieira, submetido) e revisão de literatura (Beach, 2010; Bremer, 2005; Cartwright, Finkelstein, & Maennling, 2008; Cho, & Cheon, 2005; Croll, & Kunze, 2010) e também passou pela análise de três juízes especialistas; que avaliaram a construção das frases, a adequação das situações exploradas nos itens, as correspondências entre o significado das palavras e de expressões; e também, a coerência dos itens aos seus respectivos grupos (pais ou filhos).

Após a inclusão das novas medidas e os ajustes nas demais questões pertencentes ao instrumento, sua forma final foi avaliada por sete juízes especialistas (inéditos) com o intuito de verificar a adequação e pertinência no conteúdo e forma do instrumento, a tradução/adaptação das medidas (EEPI e IUI) e a fidelidade das frases nas duas versões do instrumento (pais e filhos). Tal procedimento foi adotado devido a dificuldade de obtermos campo de aplicação e voluntários para o pré-teste desta versão do instrumento. Os juízes fizeram pequenas considerações quanto a forma da versão de aplicação com as crianças e alguns erros de digitação, mas consideraram o instrumento em sua forma final apropriado em seu conteúdo e forma.

4.5.3 Seleção do Contexto da Pesquisa

A seleção do contexto de pesquisa (bem como dos participantes) se deu de maneira aleatória simples. Isso porque, ao todo, doze escolas (tanto particulares quanto públicas, de médio a grande porte e pertencentes à Região da Grande Florianópolis e à Região do Vale do Itajaí) foram convidadas a participar desta pesquisa, mas apenas duas aceitaram o convite (já apresentadas no item 3.2 desta tese).

O primeiro contato com todas as escolas se deu via telefone e após conversa inicial com a pessoa responsável, a ela foi enviado um email com o convite e maiores esclarecimentos sobre a pesquisa pretendida (Apêndice B). Três escolas não chegaram a responder ao email enviado e cinco informaram que não gostariam de participar (por diversas razões, como: não abrir precedente; outras pesquisas da UFSC já em andamento no local e desinteresse dos pais em atividades como esta). Quatro escolas após analisarem a comunicação recebida mostraram-se interessadas e solicitaram uma entrevista para apresentação dos instrumentos e procedimentos de pesquisa.

Posteriormente, uma não retornou os contatos feitos para a continuidade do processo e outra, apesar de até ter recebido 350 cópias do TCLE para distribuição aos pais, teve a coleta de dados suspensa pela direção, que considerou a atividade imprópria para o período devido afastamento inesperado da orientadora que seria responsável pela atividade na escola (problemas de saúde).

Assim, das quatro escolas inicialmente interessadas em participar deste estudo, apenas duas confirmaram-se enquanto local para a coleta de dados, cujo procedimento é explicado a seguir.

4.5.4 Coleta de Dados

Após uma reunião com as escolas participantes para os devidos esclarecimentos e ajustes quanto aos procedimentos que seriam adotados para a coleta de dados, uma comunicação oficial *online (e-mail)* foi enviada pela direção de ensino de cada escola aos pais de alunos matriculados com idades de 7 a 12 anos, informando-os sobre a realização da pesquisa no ambiente escolar. Depois deste primeiro contato, as escolas encaminharam aos pais o TCLE (impresso) por meio das crianças. Através dele, os pais (ao todo 650) receberam maiores informações sobre a ocorrência deste estudo na instituição, foram convidados a participar e a permitir a participação do(s) filho(s). Também todos os objetivos e procedimentos do estudo foram explicados, e inclusive, foi disponibilizado um número de telefone e endereço de email para que os pais entrassem em contato diretamente com a pesquisadora, para que quaisquer dúvidas pudessem ser elucidadas antes, durante ou após o início e término do estudo.

A pedido das escolas, a fim de não sobrecarregar e facilitar a adesão de pais com mais de um filho na faixa etária de interesse, neste TCLE os pais também foram informados que caso estivessem nesta situação e aceitassem participar, bastaria o preenchimento de somente um questionário (mesmo que autorizassem e houvesse a participação de mais de um filho). Os pais também foram orientados que se aceitassem o convite, deveriam preencher e assinar o TCLE nos locais indicados, e que deveriam retorná-lo à escola por meio dos filhos. Após a coleta e contagem dos TCLE assinados, sob a responsabilidade das escolas, verificou-se que 36% dos pais aceitaram participar da pesquisa e concordaram com a participação do(s) filho(s). Então, foi agendada junto a cada escola uma data para a coleta de dados com as crianças e as cópias do instrumento (versões adulto e infantil) foram providenciadas.

Frente a logística de aplicação solicitada pelas escolas (coleta de dados em um único dia) e o volume de trabalho esperado com as crianças, montou-se um projeto de extensão de 10hs junto a Universidade Federal de Santa Catarina para participação de alunos de graduação com interesse em procedimentos de pesquisa e de auxiliar na recolha de dados. Apesar de um grande interesse manifestado inicialmente, apenas quinze estudantes do curso de Pedagogia compareceram no dia agendado para as orientações gerais e breve treinamento, e ficaram capacitadas para auxiliar na coleta de dados.

Neste treinamento, além de informações e esclarecimentos sobre a pesquisa e seus objetivos, os alunos tiveram acesso ao questionário para familiarização e receberam orientações quanto aos procedimentos para a leitura e explicação das situações abordadas, especialmente porque as competências de leitura, entendimento e interpretação ainda se mostram bastante limitadas nas crianças com idades de 7 a 10 anos. Os monitores também foram orientados a incentivar o preenchimento completo dos questionários pelas crianças, e de conferir este quesito antes de sua recolha, de modo a evitarem ausência de respostas. Como a entrega do questionário para o preenchimento dos pais se daria por intermédio das crianças, os monitores também foram orientados para tal procedimento junto as crianças.

A coleta de dados ocorreu nos meses de novembro de 2010 e de março de 2011, conforme conveniência de cada escola, ambas durante o período vespertino (das 14hs às 18hs) e com procedimentos bastante similares. As crianças cujos pais autorizaram a participação na pesquisa foram chamadas em sala de aula aos poucos, e organizadas em grupos de 4 ou 5 crianças para aplicação do questionário. Na escola da Grande Florianópolis, as orientações e a aplicação do questionário foram feitas no auditório multimídia, enquanto que no Vale do Itajaí, nas dependências do pátio de convivência descoberto da escola.

Inicialmente e de maneira coletiva, as crianças foram informadas e esclarecidas sobre o estudo, inclusive que os pais já haviam autorizado sua participação, mas caso elas não desejassem (ou desistissem de participar), poderiam retornar as suas respectivas salas de aula sem problema algum. Depois de eventuais manifestações e dúvidas, o questionário foi aplicado individualmente, mas de modo simultâneo nos vários pequenos grupos, sob a supervisão de um ou dois monitores para cada grupo (e este processo se repetiu, por grupos de crianças, até que todas elas tivessem respondido ao questionário). Após terminarem o preenchimento dos seus questionários, as crianças receberam uma cópia da versão destinada aos pais (autoaplicável), que deveria ser entregue a um dos mesmos (pai ou mãe) para preenchimento e retornar à escola em até 3 dias úteis. Coincidentemente, como nas duas escolas a aplicação do questionário com as crianças se deu numa terça feira, as crianças foram orientadas a trazerem o questionário dos pais respondido até “segunda”; podendo então os pais responder quando lhes fosse mais conveniente. As escolas se responsabilizaram pelo recebimento e encaminhamento destes questionários a pesquisadora.

4.5.5 Análise dos Dados

Os dados obtidos inicialmente foram digitados em planilhas específicas do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 17.0 para Windows, e passaram por uma criteriosa revisão e conferência a fim de eliminar eventuais erros. A partir desta revisão, erros de digitação, duplicidade de casos, dados faltantes e *outliers* foram analisados. Não foram verificados casos em duplicidade, mas erros de digitação foram detectados (principalmente números não associados as categorias de resposta) e corrigidos, bem como a ausência de dados referentes a algumas variáveis que foram resgatados dos instrumentos originais e outra vez, inseridos na planilha. Nesta etapa de análise dos dados, para fins de organização e emparelhamento dos dados em uma planilha única, optou-se adotar o código -99 para lacunas referentes as perguntas não equivalentes nas duas versões do instrumento (por exemplo, no questionário dos pais há uma pergunta sobre renda familiar que não foi feita na versão infantil, portanto na coluna referente a esta variável foi inserido o código -99 para todas as crianças).

Ainda com relação aos dados faltantes, a percentagem observada foi inferior a 5% na planilha referente aos dados das crianças e optou-se pela exclusão total (*listwise*) dos questionários que possuíssem dados faltantes em mais de duas variáveis analisadas, e pela exclusão parcial (*pairwise*) quando os dados faltantes referiam-se apenas a um item e/ou uma variável (o código -99 também foi inserido nestas lacunas). A planilha com os dados dos pais, por outro lado, apresentou percentagem de casos faltantes superior ao admitido (5%), mas por estarem aleatoriamente distribuídos, também seguiu o modelo adotado para o tratamento dos dados na planilha das crianças.

A análise de *outliers*⁹ em escalas ordinais (consideradas como intervalares, do tipo-*Likert*) precisa ser cuidadosa, pois sua presença tanto pode afetar a normalidade, o desvio padrão e a variância da amostra (especialmente quando representam mais de três desvios-padrão ou encontram-se acima ou abaixo do mínimo e máximo da amostra na caixa de bigodes), quanto pode conter informações importantes acerca dos participantes da pesquisa. Por este motivo, na análise dos *outliers* desta tese, optou-se pela retirada daqueles casos na planilha dos pais e na das crianças que alteraram a distribuição normal dos dados. Porém, a

⁹ Casos que se mostram diferentes das demais observações presentes no conjunto de dados.

exceção de casos destoantes extremos, optou-se pela permanência dos *outliers* que não afetaram decisivamente a normalidade da distribuição (assimetria ou curtose $< \pm 2$).

Ao final deste processo (análise dos dados), foram eliminados do banco de dados quatro questionários infantis e seis adultos, restando 242 questionários infantis e 159 adultos para as análises posteriores. Devido ao um número substancialmente desigual de pais e mães na amostra (N=35 e N=124, respectivamente), optou-se por considerá-la como um único grupo (denominado pais) em todas as análises, e diferenciações por gênero não foram analisadas. Tal dessemelhança não foi observada na amostra infantil (121 meninos e 121 meninas), o que encorajou as análises também por gênero de alguns aspectos investigados nesta tese.

4.5.6 Tratamento dos Dados

Após a análise inicial dos dados e das escalas, os mesmos também foram checados quanto aos pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias por meio do teste *Kolmogorov-Smirnov* com correção de *Lilliefors* e do teste de *Levene*.

Embora nem todas as variáveis deste estudo tenham apresentado uma distribuição normal na verificação com o teste de *Kolmogorov-Smirnov* (K-S), fato que pode ocorrer mesmo numa distribuição normal devido a sensibilidade deste teste (Dancey e Reidy, 2006), outras análises foram realizadas (por exemplo, exame da caixa de bigodes, *Q-Q plots* e análise dos *outliers*) e revelaram que se tratavam de desvios aceitáveis da distribuição, ou seja, que não houve séria violação da normalidade nas variáveis em estudo. Também, o número elevado¹⁰ de participantes, os valores de curtose e assimetria dentro de intervalos toleráveis (de -2 a +2), a significância do teste de *Levene* e o próprio fato das médias e medianas serem muito parecidas nas variáveis que não atenderam aos critérios de distribuição normal do K-S, são fatores que permitem assumir a preservação do pressuposto da normalidade e, portanto, o uso de análises paramétricas (Bussab & Morettin, 2002; Maroco, 2007) para variáveis numéricas e intervalares.

¹⁰ Conforme o Teorema Central do Limite (um teorema pertencente a teoria das probabilidades e fundamental na teoria da inferência estatística), quando o tamanho da amostra aumenta (muito mais que 50), a distribuição amostral da sua média aproxima-se cada vez mais de uma distribuição normal, motivo pelo qual as análises paramétricas podem ser adotadas (Bussab & Morettin, 2002).

Análises não paramétricas foram utilizadas apenas para variáveis nominais e ordinais.

Mais especificamente, foram utilizados os seguintes tratamentos:

- Para caracterizações das variáveis deste estudo: utilizou-se de análises descritivas e de tendência central (frequências, médias, desvios padrão, porcentagens);

- Para comparações, diferenças e associações entre as variáveis, utilizou-se de análise inferencial paramétrica e não paramétrica:

- teste t de Student para comparação das médias (variáveis numéricas);

- coeficiente de correlação *r* de *Pearson* (variáveis métricas/intervalares);

- coeficientes de correlação ρ de *Spearman* e *T* de *Kendall* (variáveis ordinais e nominais);

- teste estatístico *Qui-Quadrado- X²* (variáveis nominais);

- análise de variância-ANOVA (variável nominal x variável numérica).

O nível de significância mínimo de 5% ($p < 0,05$) foi adotado como critério para todas as análises.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A apresentação dos resultados foi dividida em 2 partes. Nesta parte, Parte I, fornecendo um pano de fundo para o estudo realizado, além dos estudos de validade e confiabilidade das escalas, apresenta-se também a caracterização da amostra, a caracterização do acesso a internet em casa, o nível de uso (de pais e filhos) e o nível de exposição ao risco das crianças na internet. Algumas análises comparativas evidenciando similaridades e incongruências nas respostas fornecidas por pais e filhos também são apresentadas, bem como, algumas análises com relação a faixa etária e gênero das crianças. Na segunda parte da análise dos resultados, Parte II, apresenta-se os resultados decorrentes das relações observadas entre as variáveis, ou seja, entre estilo parental, estilo parental na internet, nível de uso da internet e exposição das crianças ao risco *online*.

Parte I

5.1 ESTUDOS DE VALIDADE E DE CONFIABILIDADE DAS ESCALAS

A averiguação das escalas foi feita por meio de análises relativas à estrutura do instrumento e sua consistência interna, ou seja, por meio da análise fatorial de construto e do *Alpha de Cronbach*. Tais análises foram escolhidas por serem processos práticos e, mesmo, adequados a uma validação preliminar das escalas usadas ou desenvolvidas para este estudo, e os resultados são apresentados nas tabelas 5, 6, 7.

Primeiramente, com o intuito de verificar a possibilidade de identificação das dimensões propostas em cada escala (exposição ao risco, estilo parental na internet, estilo parental), seus itens específicos foram submetidos a uma análise de componentes principais, via método de rotação Varimax com Normalização Kaiser. Itens com cargas

fatoriais iguais ou inferiores a 0,40 foram excluídos e, de modo geral, as estruturas propostas para cada escala específica puderam ser confirmadas.

As *comunalidades* encontradas para as três escalas também foram altas e, além disso, nas duas versões de aplicação (pais e filhos) as dimensões encontradas para cada escala principal utilizada explicaram de 47,84 a 66,35% da variância total, obtiveram correlações item-total do fator acima de 0,20 e apresentaram congruência conceitual com os demais itens do mesmo fator.

Os índices de consistência interna das escalas de exposição ao risco, de estilo parental na internet e de estilo parental, foram considerados apropriados em suas duas versões de aplicação (valores > 0,70). Em acréscimo, os indicadores Kaiser Meyer Olkin (KMO) e de Esfericidade de Bartlett foram utilizados para averiguar a adequação da fatorabilidade quanto aos pressupostos necessários à análise multivariada e o grau de suscetibilidade ou o ajuste dos dados à análise fatorial, isto é, foram utilizados para averiguar qual o nível de confiança que se pode esperar dos dados quando do seu tratamento pelo método multivariado seja empregada com sucesso (Hair *et al.*, 1998).

O primeiro deles (KMO) apresenta valores normalizados (entre 0 e 1,0) e mostra qual é a proporção da variância que as variáveis (questões do instrumento utilizado) apresentam em comum ou a proporção desta que são devidas a fatores comuns. Valores próximos de 1 indicam que o método de análise fatorial é perfeitamente adequado para o tratamento dos dados enquanto valores menores que 0,5, indicam a inadequação do método. Em nosso estudo, os valores de KMO encontrados (tanto na versão da escala aplicada com as crianças quanto na versão dos pais) foram considerados adequados às possibilidades de tratamento dos dados com o método escolhido, visto que seus valores foram superiores a 0,70.

O segundo teste, o de Esfericidade de Bartlett, é baseado na distribuição estatística de “chi quadrado” e testa a hipótese nula (H_0) de que não há correlação entre as variáveis (Dancey e Reidy, 2006). Valores de significância menores que 0,100 permitem rejeitar a hipótese nula (ou seja, confirma-se a existência de relação entre as variáveis) e se a hipótese nula for rejeitada, a análise pode ser realizada. Os valores da significância do teste de Bartlett para as três escalas analisadas (tanto na versão aplicada com os pais quanto na versão aplicada com as crianças) mostraram-se menores que 0,001, o que também permite confirmar a

possibilidade e adequação do método de análise fatorial para o tratamento dos dados.

Mais especificamente, quanto as escalas de estilo parental na internet (EEPI) e de estilo parental (EEP), também foi possível comparar os *Alphas de Cronbach* deste estudo e os obtidos em sua aplicação original.

Por exemplo, Valcke *et al.* (2010) aplicaram a EEPI somente em pais de crianças de 9 a 13 anos (N=533) e encontraram boa confiabilidade, tendo o *Alfa de Cronbach* da dimensão de controle parental igual a 0,90 e de afetividade, 0,78. Em nosso estudo, a EEPI foi aplicada com pais e filhos e, como se observa na tabela 5, os resultados foram bastante similares sendo que para a dimensão de controle parental, o índice de confiabilidade obtido foi de 0,83 (para os pais) e de 0,77 (para as crianças); e para de afetividade, de 0,92 (para os pais) e de 0,89 (para as crianças), indicando que este instrumento parece adequado também para aplicação em nossa população.

Com relação a EEP, os índices de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) obtidos por Weber *et al.* (2004) na dimensão de Exigência foram (considerando as respostas das crianças): para pais e mães combinados 0,65; para os pais 0,58; para as mães 0,61. E os obtidos na dimensão de Responsividade foram: para pais e mães combinados 0,76; para os pais, 0,71; para as mães 0,73. Entretanto, não ficou bem claro se os valores apresentados referem-se a análise integral do instrumento (considerando todos os respondentes, ou seja, pais e filhos) ou se estes autores (Weber *et al.*, 2004) publicaram apenas os índices obtidos nas escalas respondidas pelas crianças.

Como se observa na tabela 6, em nosso estudo o *Alpha de Cronbach* encontrado para as respostas das crianças na dimensão de Exigência foram para pais e mães combinados 0,89; para os pais 0,82; para as mães 0,81. Na dimensão de Responsividade foram: para pais e mães combinados 0,84; para os pais 0,78; para as mães 0,71. Quando se analisou as respostas dos pais, na dimensão de Exigência o índice de confiabilidade obtido para pais e mães combinados foi 0,86; para pais 0,88 e para mães 0,85. Na dimensão de Responsividade, para pais e mães combinados 0,76; para os pais 0,86 e para as mães 0,70.

Percebe-se, então, que os índices de consistência interna obtidos em nosso estudo para esta escala (EEP) também se mostraram adequados, e foram até superiores aos encontrados por Weber *et al.* (2004) no estudo de validação original da escala para a população brasileira.

A escala de exposição ao risco na internet, desenvolvida para este estudo com base na revisão de literatura, também obteve uma análise favorável quanto a sua estrutura e consistência interna, como se observa na tabela 7.

Por fim, pode-se dizer que os resultados decorrentes das análises feitas demonstram que os índices de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) das escalas empregadas (obtidos tanto para versão dos pais quanto dos filhos), os componentes de cada dimensão das escalas e as respectivas cargas fatoriais de seus itens, assim como os valores encontrados para KMO e Bartlett, mostraram-se satisfatórios aos parâmetros de confiança considerados neste estudo.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Ao todo, foram analisados os dados de 159 pais e 242 crianças que responderam ao questionário de pesquisa. Os dados referentes a apresentação das características sociodemográficas da amostra são apresentados na tabela 8.

Tabela 8. Apresentação das características sociodemográficas da amostra em termos de frequência (N), porcentagem (%), média (M) e desvio padrão (DP).

Pais (N=159)	N	%	M	DP
Sexo				
masculino	35	22	-	-
feminino	124	78	-	-
Idade (anos)			39,04	6,23
mínima = 27 e máxima = 60				
Escolaridade				
Até 4ª Série Ensino Fundamental	4	2,5	-	-
Até 8ª Série Ensino Fundamental	4	2,5	-	-
Ensino Médio Incompleto	9	5,7	-	-
Ensino Médio Completo	33	20,8	-	-
Ensino Superior Incompleto	38	23,9	-	-
Ensino Superior Completo	31	19,5	-	-
Especialização	34	21,4	-	-
Mestrado	2	1,3	-	-
Doutorado	4	2,5	-	-
Carga Horária				
Não trabalha fora	28	17,6	-	-
Desempregado(a)	13	8,2	-	-
4 a 5 horas diárias	12	7,5	-	-
6 horas diárias	13	8,2	-	-
7 horas diárias	5	3,1	-	-
8 horas diárias	52	32,7	-	-
+ de 8 horas diárias	36	22,6	-	-
Renda Familiar				
Prefiro não responder	4	2,5	-	-
0 a 2 salários mínimos	13	8,2	-	-
De 2 a 4 salários mínimos	47	29,6	-	-
De 4 a 10 salários mínimos	67	42,1	-	-
De 10 a 20 salários mínimos	20	12,6	-	-
Acima de 20 salários mínimos	8	5,0	-	-

Número de filhos

Um	50	31,4	1,86	0,73
Dois	85	53,5		
Três	21	13,2		
Quatro	2	1,3		
Cinco	1	0,6		

Filhos (N=242)		N	%	M	DP
Sexo	masculino	121	50	-	-
	feminino	121	50	-	-
Idade (anos)	7	19	7,9	9,71	1,47
	8	37	15,3		
	9	47	19,4		
	10	69	28,5		
	11	33	13,6		
	12	37	15,3		

5.2.1 Caracterização do Acesso a Internet em casa

Tanto os pais (57,2%) quanto as crianças (85,5%) informaram que utilizam mais a internet quando estão em casa, sendo que apenas 5% da amostra (de pais) informou não ter acesso a internet em casa. Dos que afirmaram possuir, quase a totalidade (89,3%) possui acesso livre 24hs por dia, via banda larga (45,9%) ou cabo (43,4%), e os demais (10,7%) possuem acesso discado ou 3G¹¹.

Com relação ao número de computadores em casa que acessam a internet ao mesmo tempo, 57,2% dos pais afirmaram possuir apenas um computador, 27,7% dois, 6,3% afirmaram possuir 3 computadores e 3,1% informaram ter 4 ou 5 computadores conectados ao mesmo tempo.

Quando se perguntou aos pais (N=159) a localização do computador em que o filho mais utiliza a internet em casa, 63,8% informaram lugares de circulação comum da casa, como por exemplo, sala (24,4%), escritório (17%), copa/cozinha (7,3%) ou em dois destes locais (15,1%). Por outro lado, 29,4% dos pais informaram que local da

¹¹ 3G é uma tecnologia móvel que permite ao usuário navegar na internet em alta velocidade sem a utilização de fios. Pode ser usada através de um modem (para computadores e notebooks) ou por celulares. (fonte: <http://www.tecmundo.com.br/226-o-que-e-3g-htm#ixzz1tAZFPiUS>).

casa onde o filho mais acessa a internet é o próprio quarto da criança, e 6,8%, o quarto dos pais. A resposta das crianças (N=242) a esta mesma questão foi parecida: 20,7% indicaram a sala; 9,5% o escritório; 11,2% a copa/cozinha e 21% indicaram dois destes locais. O quarto da própria criança é apontado como o principal local de acesso a internet por mais de um terço delas (37,6%), enquanto 6,2% indicou somente o quarto dos pais.

5.3 NÍVEL DE USO DA INTERNET

Para averiguar o nível de uso da internet pela nossa amostra, ou seja, a maior ou menor utilização deste recurso em termos de frequência e tempo, utilizou-se do índice de uso da internet (IUI) conforme descrito no item 3.4.1 desta tese.

Na tabela 9, que apresenta os dados encontrados para as respostas de pais e filhos às duas questões (A e B) que se referem a frequência e tempo de uso da internet pelas crianças, observa-se que as médias das respostas dos filhos foram mais elevadas que a dos pais tanto para o número de dias da semana quanto para o número de horas diárias de uso. A diferença entre as médias das respostas de pais e filhos foi estatisticamente significativa nos dois casos, indicando que as crianças acessam a internet mais dias por semana [$t(399)=2,60$; $p= 0,01$] e por mais tempo diário [$t(399)=3,45$; $p= 0,001$] do que os pais acreditam que elas o façam.

Tabela 9. Comparação entre as respostas de pais (N=159) e filhos (N=242) às duas perguntas que permitem o cálculo do Índice de Uso da Internet das crianças (M=média; DP=desvio padrão)

A) Quantos dias da semana seu filho* acessa a internet?					B) Quanto tempo seu filho* gasta diariamente com a internet?						
		Pais		Filhos **				Pais		Filhos ***	
No. Dias		M= 4,58 DP= 2,04		M= 5,13 DP= 2,10		Opções de resposta		M= 2,77 DP= 1,41		M= 4,53 DP= 1,69	
		N	%	N	%			N	%	N	%
Não Usa		6	3,8	2	0,8	Não Usa		6	3,8	2	0,8
1		4	2,5	14	5,8	Até 2h		101	63,5	56	23
2		13	8,2	27	11,2	Até 3h		17	10,7	22	9,1
3		31	19,5	18	7,4	Até 4h		12	7,5	23	9,5
4		27	17	24	9,9	+ de 4hs		23	14,4	139	57,6
5		21	13,2	29	12						
6		7	4,4	17	7						
7		50	31,4	111	45,9						

* Na versão apresentada às crianças, a palavra "seu filho" foi substituída por "você".

** p=0,01; ***p=0,001.

Nesta mesma tabela (9) também se observa que, apesar da diferença, pais e filhos concordam que o uso da internet pelas crianças é predominantemente diário (31,4% e 45,9% respectivamente), porém, divergem quanto ao tempo gasto por dia na internet: enquanto 57,6% das crianças informaram passar diariamente mais que 4 horas na internet (configurando uma ausência de limite por parte dos pais), somente 14,4% dos pais também assim informaram, sendo que em sua maioria (63,5%), os pais acreditam que o tempo diário de uso do filho não ultrapassa 2 horas (mas apenas 23% das crianças afirmaram isso). Também 3,8% dos pais informaram que os filhos não utilizam a internet, ao passo que somente 1% das crianças assim informou.

A classificação do nível de uso da internet pelas crianças, obtida a partir do IUI, encontra-se na figura 3. Como se observa nesta figura, cerca de 40% das crianças foram classificadas a partir de suas respostas com um nível muito alto de uso da internet (IUI de 35-42), 8% com um nível alto de uso da internet (IUI de 26-34), 13,6% apresentou um nível moderado de uso da internet (IUI de 18 a 25), 17,8% das crianças

apresentou um nível baixo de uso da internet (IUI de 9 a 17) e cerca de 20% teve seu IUI próximo aos valores mínimos possíveis para este índice (1-8) e foi classificada com um nível de uso muito baixo da internet, e ainda, 1% afirmou não utilizar a internet. Como também se observa na figura 3, as respostas dos pais quanto ao uso da internet pelos filhos levou a uma classificação bem diferente.

A partir das respostas dos pais, os filhos foram classificados predominantemente com um nível muito baixo (42,8%) ou baixo de uso (32,1%) da internet. De fato, a análise das médias obtidas para o nível de uso das crianças indicou que há diferença entre a classificação das crianças obtidas a partir de suas respostas ($M=3,21$; $DP=1,64$) e a classificação que lhes é atribuída a partir das respostas dos pais ($M=1,92$; $DP=0,83$), sendo esta diferença estatisticamente significativa [$t(399)=-8,45$; $p=0,000$], ou seja, os pais acreditam que o nível de uso das crianças seja menor que o informado por elas.

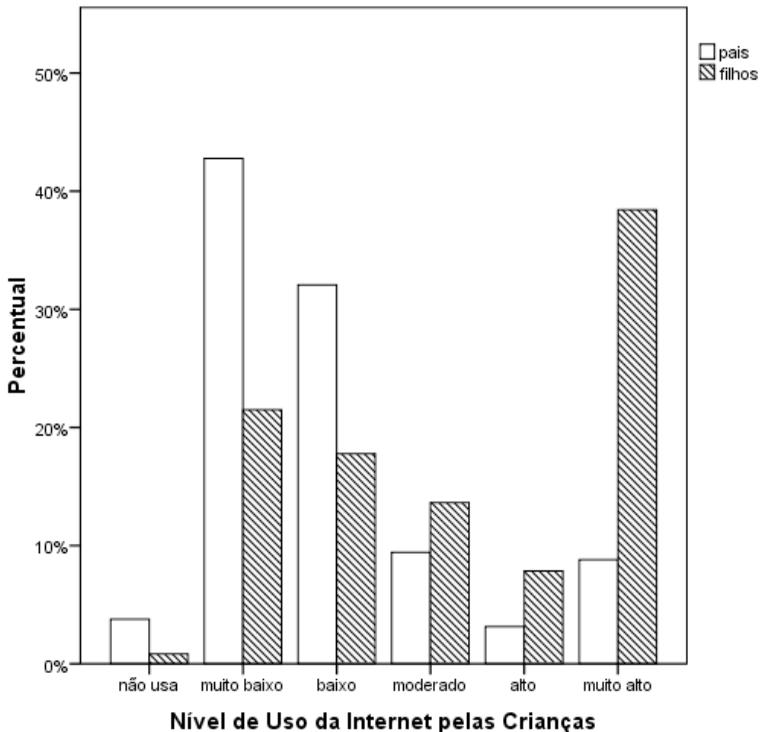


Figura 3. Comparação entre os níveis de uso da internet pelas crianças a partir da resposta de pais (N=159) e filhos (N=242).

Apesar da diferença encontrada para as médias de pais e filhos quanto ao nível de uso da internet, a análise estatística a partir somente das médias das respostas das crianças (N=242) não apontou diferença estatística significativa [$t(240)=-2,98$; $p=0,80$] por faixa etária [de 7 a 9 anos ($3,18\pm 0,16$) e de 10 a 12 anos ($3,24\pm 0,14$)] e também não apontou diferença [$t(240)=-0,15$; $p=0,87$] entre as médias por sexo (meninos $3,20\pm 0,14$; meninas $3,23\pm 0,15$), revelando que, independente de idade ou sexo, as crianças de nossa amostra informaram um elevado nível de uso da internet.

Quanto a esta variável, além de comparar o nível de uso das crianças a partir das respostas de pais e filhos, optou-se por também comparar o nível de uso entre os respondentes (ou seja, entre pais e filhos), conforme apresentado na figura 4. Acredita-se que tal informação seja importante, a medida que o nível de uso da internet pelos próprios pais também pode interferir no estilo que adotam para guiar o uso dos filhos.

A análise comparativa entre as médias obtidas para o nível de uso de pais ($M=2,15$; $DP=1,32$) e filhos ($M=3,21$; $DP=1,64$) apontou diferença estatisticamente significativa [$t(399)=-6,84$; $p=0,000$], revelando que as crianças apresentaram um nível de uso da internet maior que o apresentado por seus pais.

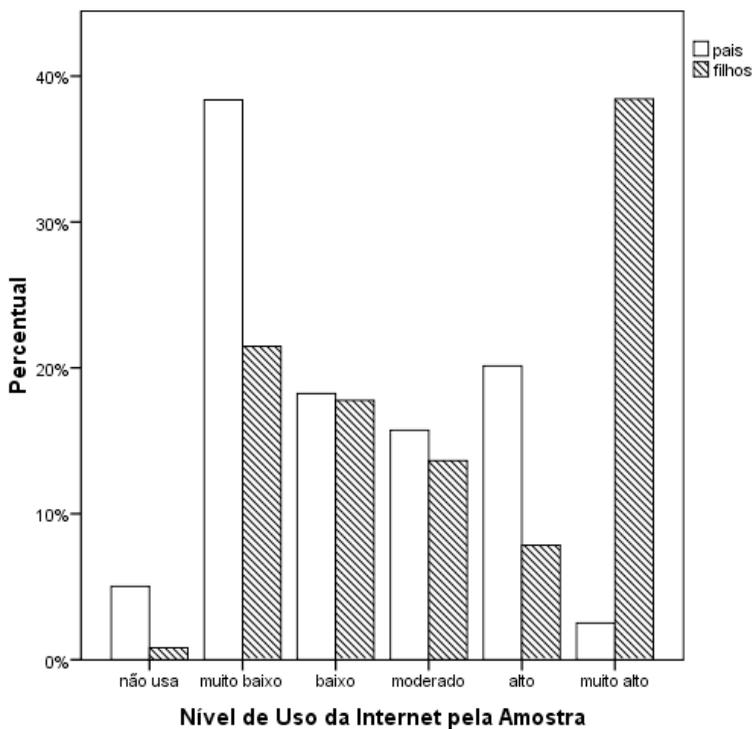


Figura 4. Comparação entre os níveis de uso da internet pelos filhos (N=242) e pelos pais (N=159).

Como se observa na figura 4, fica evidente que enquanto as crianças predominantemente possuem um nível de uso da internet que tende ao uso excessivo, os pais tendem a um nível baixo de uso. Somente 2,5% dos pais foram classificados com um nível muito alto de uso da internet, ou seja, apresentaram seus IUI próximos dos valores máximos (30 a 35) e cerca de 20% um nível alto de uso da internet (IUI de 20 a 29), sendo que grande parte dos pais (56,4%) foi classificada com um nível de uso da internet muito baixo (38,4%) ou baixo (18%); sendo ainda que 5% dos pais (N=8) informou não utilizar a internet.

Em suma, a análise dos dados revela que os pais tendem a subestimar o tempo e a frequência de uso da internet pelos filhos, que independente de sexo ou idade tendem ao uso excessivo; bem como, que os pais possuem um nível de uso da internet menor que o apresentado pelos filhos.

5.4 EXPOSIÇÃO AO RISCO ADVINDO DO USO DA INTERNET

Com o objetivo de examinar o uso potencialmente inseguro da internet pelas crianças, ou seja, maior ou menor frequência de comportamentos infantis relacionados a exposição ao risco durante o período que encontram-se *online*, pais e filhos responderam a Escala de Exposição ao Risco na Internet (ver item 3.4.2 desta tese). A classificação do nível de exposição ao risco das crianças a partir da visão de pais e filhos encontra-se na figura 5. Observa-se que a grande maioria dos pais (89%) tiveram seus filhos classificados com um nível muito baixo de exposição ao risco na internet, o que também se observou na classificação obtida a partir da maioria das crianças (74%). Porém, aproximadamente 4% das crianças (N=10) foram classificadas com um nível alto de exposição ao risco na internet, e cerca de 2% (N=4), com um nível muito alto. Ou seja, 6% das crianças informaram grande frequência de comportamentos considerados de exposição ao risco na internet, quase a mesma porcentagem observada para o nível de exposição intermediário.

Se levarmos em conta a totalidade dos pais (99%) que não considera a possibilidade de exposição ao risco do filho, e a totalidade dos filhos que informou algum nível de exposição, sendo que 12% da

amostra foi classificada com nível intermediário, alto ou muito alto de exposição ao risco, vê-se que os pais não estão percebendo adequadamente esta questão.

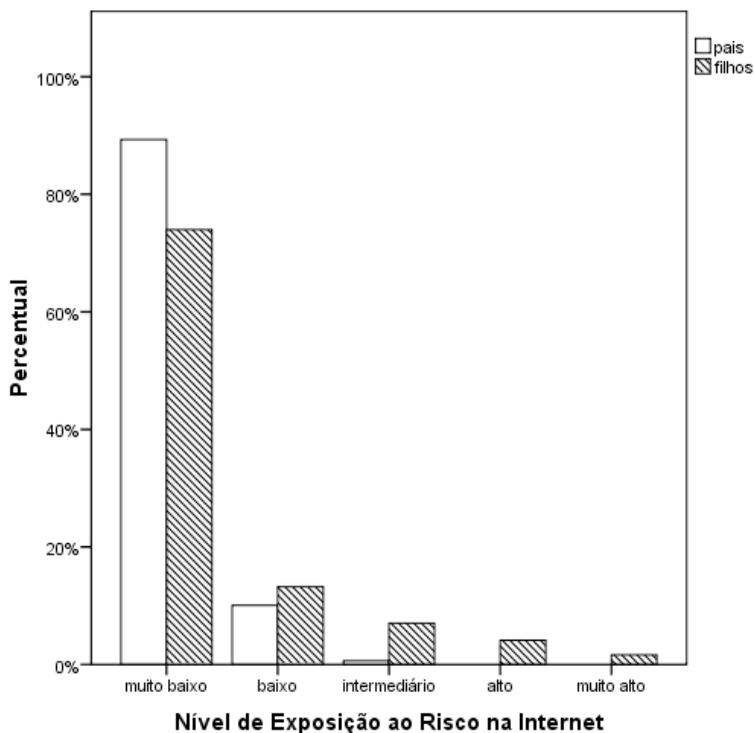


Figura 5. Nível de exposição ao risco das crianças a partir das respostas de pais (N=159) e filhos (N=242).

A comparação das médias de pais ($M=1,11$; $DP=0,33$) e filhos ($M=1,46$; $DP=0,91$) para o nível de exposição ao risco das crianças na internet indica diferença estatisticamente significativa [$t(399)=-4,61$; $p=0,000$], revelando que os filhos (mais que seus pais) admitem a presença de um número maior de comportamentos considerados de exposição ao risco quando navegam na internet. Na figura 3, fica claro que praticamente a totalidade dos pais acredita que a ocorrência destes no comportamento dos filhos seja baixa ou muito baixa.

Mais especificamente, a verificação dos principais comportamentos de exposição ao risco presentes na amostra infantil (apresentados na tabela 10) revelou que 37,7% dos pais acreditam que os filhos usam frequentemente salas de bate-papo e programas de comunicação em tempo real (como MSN, Google Talk, bate papo do Facebook, etc.); 2,5% acreditam que os filhos procuram respostas para perguntas que tem vergonha de perguntar a um adulto (sobre sexo ou drogas, por exemplo) e somente um ou dois pais (cerca de 1%) acreditam que o filho frequentemente apresente comportamentos como ter encontrado sem querer imagens de sexo ou violência; ter fornecido dados pessoais ou familiares; ter se encontrado com alguém que só conhecia na internet. Um pequeno número de pais, 5% ($N=8$), também acredita que algumas vezes os filhos já possam ter se sentido (ou já foram) perseguidos, agredidos, xingados ou vítimas de alguma brincadeira que não tenham gostado por meio da internet.

De modo geral, as respostas dadas pelos pais indicam que consideram pouco provável (0% de respostas “sempre” ou “quase sempre”) que os filhos já tenham tentado acessar algum conteúdo inadequado por vontade própria, ou que tenham feito algo escondido que sabiam que não podiam, ou conversado com alguém desconhecido, ou mesmo, que tenham passado por situações alusivas a intimidação ou *cyberbullying*.

A análise dos dados das respostas das crianças aponta numa outra direção.

A resposta das crianças para a frequência de seus próprios comportamentos de exposição ao risco (tabela 10) revelou que 70% delas ($N=167$) sempre ou quase sempre utilizam salas de bate papo e programas de comunicação em tempo real (como MSN), em torno de 10% afirmaram que frequentemente encontram sem querer imagens impróprias, praticamente o mesmo percentual obtido para as crianças que fazem busca por assuntos que tem vergonha de perguntar aos pais,

ou mesmo, que informaram que já se encontraram com alguém que só conheciam por meio da internet. Na tabela 10 também se verifica que aproximadamente 3,5% (N=8) das crianças informaram que frequentemente se sentem, ou já foram, perseguidas, agredidas, xingadas, ou vítimas de alguma brincadeira que não tenham gostado por meio da internet. A este respeito, a análise mais apurada dos dados revelou que cerca de 27% das crianças também informaram que poucas vezes (18,6%; N=45) ou as vezes (5,8%; N=14) já se sentiram ou já passaram por isso. Ou seja, cerca de 30% das crianças desta amostra informou que já experienciou alguma situação alusiva a intimidação ou *cyberbullying*.

Quanto aos outros riscos considerados neste estudo, um percentual menor de crianças, aproximadamente 5%, informou que frequentemente tentam acessar por vontade própria conteúdos adultos (como sexo ou violência), praticamente o mesmo percentual obtido para as que informaram que fazem coisas escondido ou que sabem que não poderiam, para as que fornecem dados pessoais ou familiares e ainda, para as crianças que informaram que frequentemente brigam, xingam ou aborrecem alguém através da internet e até, conversam com pessoas que não conhecem pessoalmente.

Como se observa, as crianças apresentam maior frequência de comportamentos considerados de exposição ao risco, mas será que há variação neste nível conforme a idade ou sexo da criança?

A análise estatística feita somente com as médias de suas respostas (N=242) para o nível de exposição ao risco apontou diferença estatística significativa [$t(240)=-2,98$; $p=0,003$] por faixa etária [de 7 a 9 anos ($1,26\pm 0,70$) e de 10 a 12 anos ($1,61\pm 0,87$)] e ainda, apontou diferença estatística significativa [$t(240)=2,12$; $p=0,035$] entre as médias por sexo (meninos $1,59\pm 0,92$; meninas $1,34\pm 0,79$). Tais resultados revelaram que são os meninos de 10 a 12 anos de nossa amostra que apresentaram maior frequência de comportamentos de exposição ao risco, ou seja, eles apresentam mais comportamentos que favorecem a possibilidade de se depararem com conteúdos, imagens, informações ou contatos considerados impróprios a sua idade ou entendimento.

tabela 10

Em suma, os dados indicam que pais e filhos divergem quanto a frequência de comportamentos considerados de exposição ao risco na internet, o que por sua vez, se reflete na classificação do nível de exposição ao risco das crianças maior que a imaginada pelos pais. A exposição ao risco mostrou-se associada ao sexo e idade da criança (crianças mais velhas relacionadas aos maiores níveis de risco), sendo os meninos de 10 a 12 anos de nossa amostra os que apresentaram as maiores frequências para os comportamentos de risco investigados.

5.5 ESTILO PARENTAL

5.5.1 Estilo Parental na Internet (EPI)

A partir da análise dos dados referentes as respostas dadas à EEPI (ver item 3.4.2 desta tese) por pais (N=159) e filhos (N=424), chegou-se a classificação apresentada na figura 6.

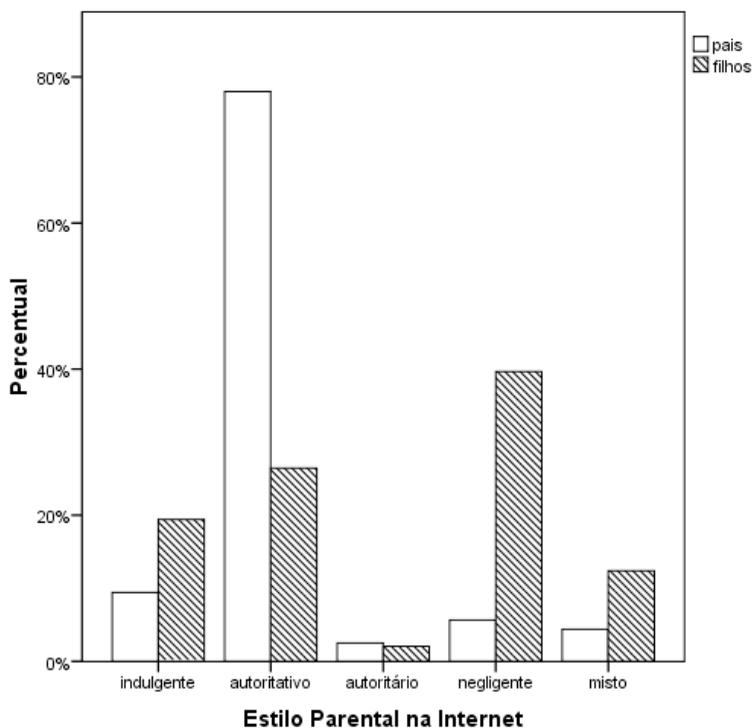


Figura 6. Classificação do estilo parental na internet a partir das respostas de pais (N=159) e filhos (N=424).

Considerando apenas os dados obtidos por meio dos pais (N=159) para os assuntos relacionados ao uso da internet pelos filhos, observa-se nesta figura (4) que em sua grande maioria [ou seja 78% (N=124)], os pais foram classificados com estilo autoritativo, ficando os demais estilos com percentuais bem menores de classificação: 9,4% estilo indulgente, 5,7% estilo negligente, 4,4% estilo misto e apenas 2,5% foram classificados com estilo parental autoritário).

A análise dos dados referente as respostas das crianças (N=242) indica que as classificações encontradas foram mais distribuídas: 39,7% das crianças (N=96) tiveram seus pais classificados no estilo parental negligente; 26,4% no estilo parental autoritativo (N=64); 19,4% no estilo parental indulgente (N=47); 12,4% no estilo misto (N=30) e apenas 2,1% no estilo autoritário (N=5).

Por tratar-se de uma variável meramente nominal, o teste *Qui-quadrado de Pearson* foi utilizado para investigar possíveis associações entre as faixas etárias das crianças, ou entre o gênero, e as classificações dos estilos parentais típicos na internet.

Analisando apenas as respostas das crianças, observou-se que não houve associação entre o gênero da criança e a classificação obtida para o EPI ($X^2=7,024$; $gl=4$; $p=0,135$). Por outro lado, a análise relativa a faixa revelou que houve associação entre a faixa etária da criança e a classificação do EPI ($X^2=24,384$; $gl=4$; $p=0,000$). Sendo o valor de *V de Cramer* igual a 0,32, verificou-se que se trata de uma fraca associação, e aproximadamente 10% das variações observadas nas frequências de classificação do estilo parental podem ser explicadas pela faixa etária da criança. E como se observa na tabela 11, as crianças na faixa etária de 7 a 9 anos estão associadas mais a classificação dos pais nos estilos autoritativo e autoritário, enquanto as crianças mais velhas, de 10 a 12 anos, estão associadas ao maior número de pais classificados como negligentes, como indulgentes e como estilo misto.

A análise dos dados referentes a classificação do EPI de pais e filhos revela que também responderam de maneira diferente no que diz respeito as atitudes dos pais frente ao uso da internet pelas crianças.

Tabela 11. Relação entre a classificação do estilo parental e a faixa etária obtida a partir das respostas das crianças (N=242).

		<i>Faixa etária das crianças</i>		
		de 7 a 9 anos	de 10 a 12 anos	Total
<i>Estilo Parental Internet</i>	indulgente	18 (7,4%)	29 (12%)	47 (19,4%)
	autoritativo	42 (17,4%)	22 (9,1%)	64 (26,4%)
	autoritário	4 (1,7%)	1 (0,4%)	5 (2,1%)
	negligente	31 (12,8%)	65 (26,9%)	96 (39,7%)
	misto	8 (3,3%)	22 (9,1%)	30 (12,4%)
Total		103 (42,6%)	139 (57,4%)	242 (100%)

Por meio da verificação da relação e concordância entre as respostas de pais e filhos para a EEPI, realizadas por meio dos coeficientes de correlação ρ de Spearman ($\rho = 0,140$; $p = 0,08$) e T de Kendall ($T = 0,124$; $p = 0,08$), verificou-se que não houve relação e concordância entre pais e filhos para as respostas dadas, resultando na diferença de classificação do EPI observada entre os grupos de análise.

Por meio do teste *t de Student*, foi possível verificar que as houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de análise (pais e filhos) para as médias de controle parental [$t(399) = 0,50$; $p = 0,000$] e de afetividade parental [$t(399) = 13,55$; $p = 0,000$]; sendo que as médias dos pais para controle ($M = 40,60$; $DP = 9,47$) e afetividade ($M = 58,90$; $DP = 12,18$) foram muito mais altas que as observadas para as crianças (controle: $M = 29,06$ e $DP = 9,66$; afetividade: $M = 40,67$ e $DP = 13,77$); revelando que eles se consideram mais controladores e mais afetivos que o percebido pelos filhos.

Em síntese, a análise dos resultados indica que pais e filhos responderam de maneira independente a EEPI, havendo discrepância para a classificação de EPI entre os grupos de análise. Enquanto os pais se consideram autoritativos (78%), grande parte das crianças os identificam como negligentes (40%). Uma análise mais apurada também revela que, independente de gênero, na visão das crianças de 7 a 9 anos os pais são mais autoritativos e negligentes, enquanto na visão das crianças de 10 a 12 anos, os pais são negligentes e indulgentes.

5.5.2 Estilo Parental (EP)

A partir da análise dos dados referentes as respostas dadas à EEP (ver item 3.4.4 desta tese) por pais (N=159) e filhos (N=424), chegou-se a classificação apresentada na figura 7.

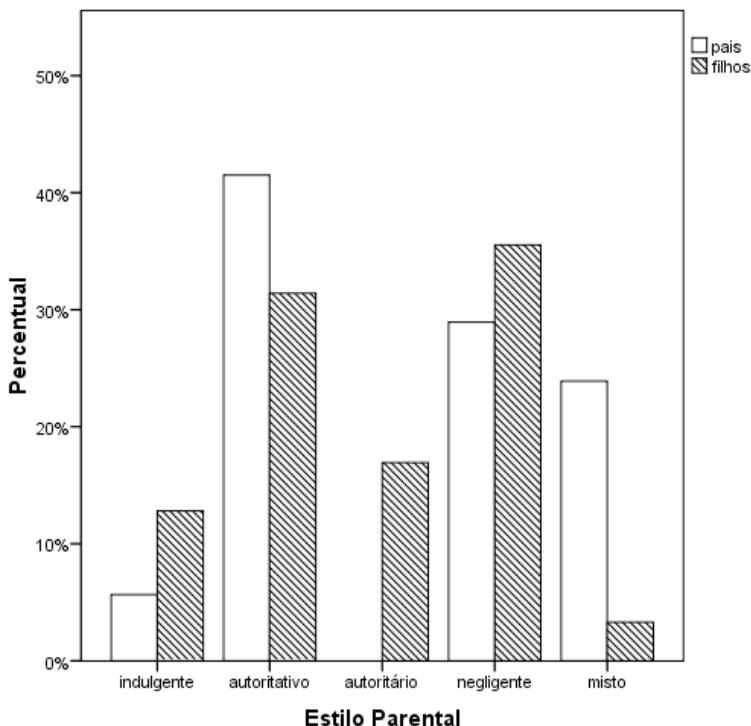


Figura 7. Classificação do estilo parental a partir das respostas de pais (N=159) e filhos (N=242).

Considerando apenas os dados obtidos por meio dos pais (N=159) para aspectos gerais de criação dos filhos, pode-se observar que 41,5% foram classificados como autoritativos, 28,9% dos pais foram classificados como negligentes, 23,9% com estilo misto e 5,7%

como indulgentes. Como se observa na figura 7, nenhum pai foi classificado no estilo autoritário a partir de suas próprias respostas.

A análise resultante das respostas das crianças (N=242) indica que a classificação dos estilos dos pais recaiu quase na mesma proporção sobre dois estilos: o negligente (35,5%) e o autoritativo (31,4%) e, como se observa na figura 7, 16,9% das crianças (N=41) ainda tiveram seus pais classificados como autoritários. Quanto aos estilos indulgente e misto, foram os que receberam o menor número de classificações a partir da visão das crianças (12,8% e 3,3%, respectivamente).

Assim como ocorreu com o EPI, a classificação do EP representa uma variável meramente nominal, e por este motivo foi utilizado o teste *Qui-quadrado de Pearson* para investigar possíveis associações entre as faixas etárias e entre o gênero das crianças nas classificações dos estilos parentais relacionados a aspectos gerais de criação dos filhos.

Analisando apenas as respostas das crianças, observou-se que não houve associação entre o gênero da criança e a classificação obtida para o EP ($X^2=6,172$; $gl=4$; $p=0,187$); tão pouco entre a faixa etária e a classificação do EP ($X^2=2,760$; $gl=4$; $p=0,599$)

Com base nos coeficientes de correlação ρ de Spearman ($\rho=0,031$; $p=0,69$) e T de Kendall ($T=0,026$; $p=0,70$) obtidos, verificou-se que não houve relação ou concordância entre as classificações do EP obtidas pelas respostas de pais e filhos, ou seja, pais e filhos responderam a EEP de maneira independente.

Por meio do teste *t de Student* foi possível verificar que houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de análise para as médias obtidas para exigência parental [$t(399)=13,675$; $p=0,000$] e para responsividade parental [$t(399)=11,849$; $p=0,000$]; sendo as médias dos pais para exigência ($M=35,16$; $DP=3,01$) e responsividade ($M=57,27$; $DP=4,13$) mais altas que as observadas para as crianças (exigência: $M=27,95$ e $DP=6,17$; responsividade: $M=50,42$ e $DP=6,47$); revelando que pais também se consideram mais exigentes e mais responsivos que o percebido pelos filhos no que diz respeito a aspectos gerais de sua criação.

5.6 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Quadro 1. Síntese dos principais resultados obtidos na primeira parte da análise de resultados.

VARIÁVEIS	SÍNTESE DOS RESULTADOS
Nível de Uso da Internet	<p>A análise dos resultados indica que as crianças da amostra, independente de sexo ou faixa etária, fazem uso excessivo da internet, o que não é percebido da mesma forma pelos pais. Ou seja, as crianças tanto apresentaram um nível de uso da internet maior do que os pais pensam quanto apresentaram um nível de uso até maior que o dos próprios pais.</p>
Exposição ao Risco na Internet	<p>A análise dos resultados indica que pais e filhos divergem quanto a frequência de comportamentos considerados de exposição ao risco na internet, sendo a classificação do nível de exposição ao risco das crianças muito maior que a verificada a partir das respostas dos pais.</p> <p>Quanto aos riscos, 10% das crianças informaram que frequentemente apresentam comportamentos de risco como o acesso (mesmo sem intenção) a imagens impróprias, a busca por assuntos que tem vergonha de perguntar aos pais, e inclusive, de encontrar com alguém que só conheciam por meio da internet; e 30% das crianças também informaram que algumas vezes já passaram por situação alusiva a intimidação ou <i>cyberbullying</i>. Os pais desconhecem totalmente esta informação.</p> <p>Dentre as crianças, são os meninos, bem como a faixa etária de 10 a 12 anos, que apresentaram maior frequência de comportamentos de exposição ao risco.</p>
Estilo Parental na Internet	<p>A análise dos resultados indica que pais e filhos responderam de maneira independente a EEPI, havendo discrepância para a classificação de EPI entre os grupos de análise. Enquanto os pais se classificam predominantemente como autoritativos (78%), as crianças os consideram negligentes (40%). Porém, dentre as crianças, independente do gênero, a faixa etária de 7 a 9 anos considera os pais mais autoritativos e a faixa etária de 10 a 12 anos, mais negligentes</p>
Estilo Parental	<p>A análise dos resultados indica que pais e filhos também responderam a EEP de maneira independente, havendo discrepância para a classificação de EP entre os grupos de análise. Embora os estilos predominantes para pais e filhos tenham sido o autoritativo e o negligente, uma análise mais apurada revela que dentre as crianças, independente do gênero ou da faixa etária, os pais foram mais classificados como negligentes (e em 2^o lugar, como autoritativos); dentre os pais observou-se o contrário, ou seja, eles foram mais classificados como autoritativos (e em 2^o lugar, como negligentes).</p>

Agora que as principais variáveis deste estudo, suas características e diferenças dentro da amostra investigada já foram apresentadas, faz-se a apresentação das relações observadas. Mais especificamente, nesta parte da análise dos resultados (Parte II), apresentam-se os resultados decorrentes das relações observadas entre as variáveis estilo parental, estilo parental na internet, nível de uso da internet e exposição das crianças ao risco *online*.

Parte II

5.7 RELAÇÕES ENTRE O ESTILO PARENTAL NA INTERNET E ESTILO PARENTAL

Para facilitar o entendimento das numerosas análises, optou-se por apresentar os resultados para pais e filhos em separado.

5.7.1 Na visão dos pais

A partir da análise da figura 8, percebe-se que os pais foram mais classificados como autoritativos nas duas escalas de estilo parental, mas os demais estilos apresentaram variação de uma escala para outra.

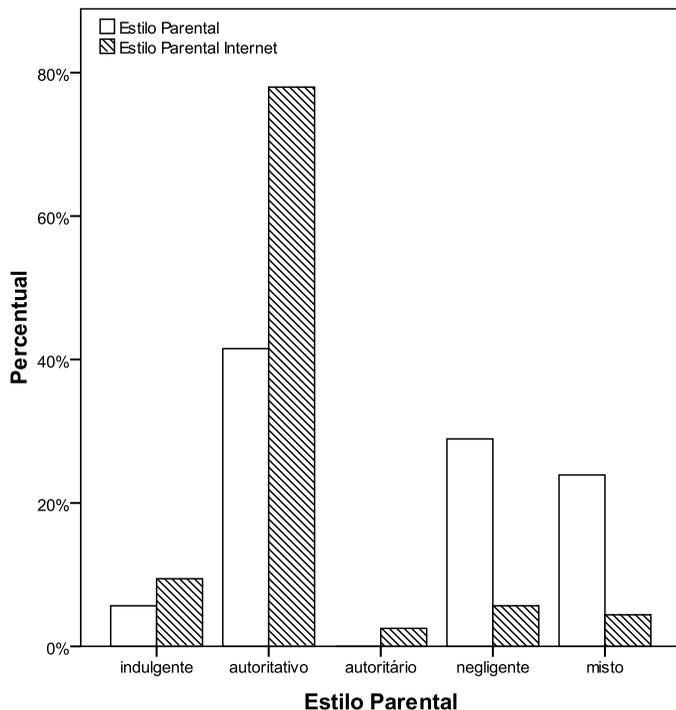


Figura 8. Comparação entre a classificação do estilo parental e do estilo parental na internet na amostra de pais (N=159).

Tanto o coeficiente de correlação ρ de Spearman ($\rho = 0,07$; $p = 0,385$) quanto o T de Kendall ($T = 0,06$; $p = 0,391$) indicaram que não existiu relação ou concordância entre as classificações obtidas nas duas escalas (pelo menos não uma correlação linear).

Entretanto, a análise do teste *qui-quadrado* ($X^2=22,695$; $gl=12$; $p=0,03$), indicou que houve associação entre as classificações obtidas para as duas escalas. Como o *V de Cramer* obtido foi de 0,22, trata-se de uma associação muito fraca, dado que menos de 5% da variação nas respostas de uma escala estão associadas as respostas fornecidas na outra. Como se observa na tabela X, por meio dos valores dos resíduos ajustados foi possível verificar que a maior associação significativa direta (ou seja, entre pais classificados com o mesmo estilo nas duas escalas) encontra-se entre os estilos negligentes (2,6), e a menor associação (ou seja, pais classificados com estilos diferentes nas duas escalas) entre os estilos mistos (-1,5).

A análise das relações entre as dimensões das escalas (controle parental, afetividade parental, exigência parental e responsividade parental), realizada por meio do coeficiente de correlação *r de Pearson* para os escores totais de cada dimensão, tem seus resultados apresentados na tabela 13.

Como se observa, há uma correlação positiva forte e altamente significativa ($r=0,70$; $p=0,000$) entre as respostas dadas as dimensões controle e afetividade da escala de EPI, indicando que possuem 49% de variância compartilhada, ou seja, 49% da variabilidade observada na dimensão de exigência pode ser explicada pela variabilidade nas respostas dadas a dimensão de afetividade parental. Dito de outra maneira, os resultados indicam que com relação a internet, as respostas dadas pelos pais a uma dimensão da escala influenciaram decisivamente suas respostas para a outra dimensão (e vice-versa), sendo os pais tão controladores quanto afetivos no que diz respeito ao uso da internet pelas crianças, embora também admita-se que 51% da variabilidade das respostas a escala de EPI se devam a outros fatores.

Quanto as dimensões da escala de EP, observa-se uma correlação positiva moderada altamente significativa ($r=0,51$; $p=0,000$) entre as dimensões exigência e responsividade, indicando que estas dimensões possuem 26% de variância compartilhada, ou seja, 26% da variabilidade encontrada para a dimensão de responsividade pode ser explicada pela variabilidade nas respostas dadas a dimensão de controle (e vice-versa). Então, para assuntos mais gerais relacionados a criação dos filhos, embora se observe uma tendência dos pais mais responsivos serem também mais controladores, outros fatores são responsáveis por praticamente 75% da variabilidade observada nas respostas dadas a escala de EP.

Tabela 12. Relação entre dimensões da escala de estilo parental na internet (EPI) e da escala de estilo parental (EP) a partir das respostas dos pais (N=159). A média (M) e o desvio padrão (DP) obtidos para a soma dos escores totais de cada dimensão são apresentados.

Dimensão (escala)	<i>r de Pearson</i>	Estilo Parental Internet		Estilo Parental	
		Controle M= 40,60 DP= 9,47	Afetividade M= 58, 90 DP= 12,18	Exigência M= 35,16 DP= 3,01	Responsividade M= 57,27 DP= 4,13
Controle Parental (EPI)		1	,681*	,055	,133
Afetividade Parental (EPI)			1	,110	,339*
Exigência (EP)				1	,515*
Responsividade (EP)					1

* p=0,000.

Entre as duas escalas (EP e EPI), como se observa na tabela 13, há uma correlação positiva fraca e altamente significativa ($r=0,34$; $p=0,000$) entre as dimensões afetividade parental (EPI) e responsividade parental (EP), indicando que possuem 12% de variância compartilhada. Ou seja, observa-se uma tendência dos pais mais afetivos com relação a internet (EPI) serem também mais responsáveis com aspectos gerais da criação dos filhos (EP). Entretanto, em relação as respostas dadas para as dimensões controle parental (EPI) e exigência parental (EP), a análise não apontou relacionamento linear ($r=0,055$; $p=0,495$) entre as dimensões; sugerindo que os pais utilizam diferentes critérios para os níveis de controle utilizados nestas duas situações.

Para investigar a influência do gênero e da faixa etária do filho sobre as médias os escores totais das respostas dos pais (N=159) para as dimensões das duas escalas (controle/exigência e afetividade/responsividade), utilizou-se do teste *t de Student*.

A análise destes resultados indica que não há diferença com relação ao gênero do filho para as médias encontradas para as dimensões da escala EPI (ver tabela 6): controle parental [$t(157)=-0,111$ e $p=0,912$]; e afetividade parental [$t(157)=0,083$ e $p=0,934$]; tão pouco para as médias obtidas para as dimensões da escala de EP (ver tabela 6):

exigência parental [$t(157)=-0,025$ e $p=0,980$]; e responsividade parental [$t(157)=0,126$ e $p=0,267$]. Percebe-se, então, que o gênero do filho não influencia os níveis de controle/exigência ou afetividade/responsividade empregados pelos pais.

Quanto a faixa etária dos filhos, o teste *t de Student* indicou diferença estatisticamente significativa [$t(157)=2,179$; $p=0,031$] somente na escala de EP, sendo a média dos escores totais para a dimensão de responsividade parental maior para a faixa etária de 7 a 9 anos ($M=58,00$; $DP=3,17$) que para a de 10 a 12 anos ($M=56,59$; $DP=4,79$); revelando que os pais são mais responsivos (no que diz respeito aos aspectos gerais de criação) com os filhos mais novos. A análise dos resultados também indicou que não existe diferença estatística significativa entre as faixas etárias quanto a média obtida na dimensão de exigência parental desta mesma escala (EP) [$t(157)=0,78$; $p=0,434$]; tão pouco para as médias referentes as dimensões da escala de EPI [afetividade parental: $t(157)=0,80$ e $p=0,430$; e controle parental: $t(157)=1,82$ e $p=0,07$].

Uma síntese dos resultados para as análises feitas a partir das respostas dos pais encontra-se no quadro 2.

Quadro 2. Síntese dos principais resultados obtidos a partir da análise das respostas dos pais (N=159).

Análises	Síntese dos Resultados
<p><i>Relações entre as classificações obtidas nas duas escalas de Estilo Parental</i></p>	<p>Foi possível verificar uma fraca associação entre as classificações dos estilos a partir das respostas as duas escalas (EPI e EP), sendo os pais, na sua própria visão, predominantemente autoritativos nas duas escalas.</p>
<p><i>Relações entre as dimensões das escalas (controle parental, afetividade parental, exigência parental e responsividade parental)</i></p>	<p>EPI: há uma correlação positiva forte e altamente significativa entre as respostas dadas as dimensões de controle e afetividade ($r=0,70$; $p=0,000$) ;</p> <p>EP: há uma correlação positiva moderada e altamente significativa entre as respostas dadas as dimensões de exigência e responsividade ($r=0,51$; $p=0,000$);</p> <p>EPIxEP: entre as duas escalas, há somente uma correlação positiva fraca e altamente significativa ($r=0,37$; $p=0,000$) entre as dimensões afetividade parental (EPI) e responsividade parental (EP).</p>
<p><i>Relações entre o estilo parental (níveis de controle/exigência e de afetividade/responsividade) e o gênero e a faixa etária dos filhos</i></p>	<p>O gênero do filho não se relaciona com os níveis de controle/exigência ou de afetividade/responsividade empregados pelos pais, ou seja, a classificação do EP e do EPI não foram influenciadas pelo gênero do filho.</p> <p>A faixa etária dos filhos está relacionada somente com a dimensão de responsividade (EP), sendo os pais mais responsáveis (no que diz respeito aos aspectos gerais de criação) com os filhos mais novos.</p>

5.7.2 Na visão das crianças

A partir da análise da figura 9, percebe-se que de acordo com as respostas das crianças, os pais foram mais classificados como autoritativos no estilo parental e mais como negligentes no estilo parental na internet, e apresentaram grande variação na classificação de uma escala para outra nos estilos autoritário e misto.

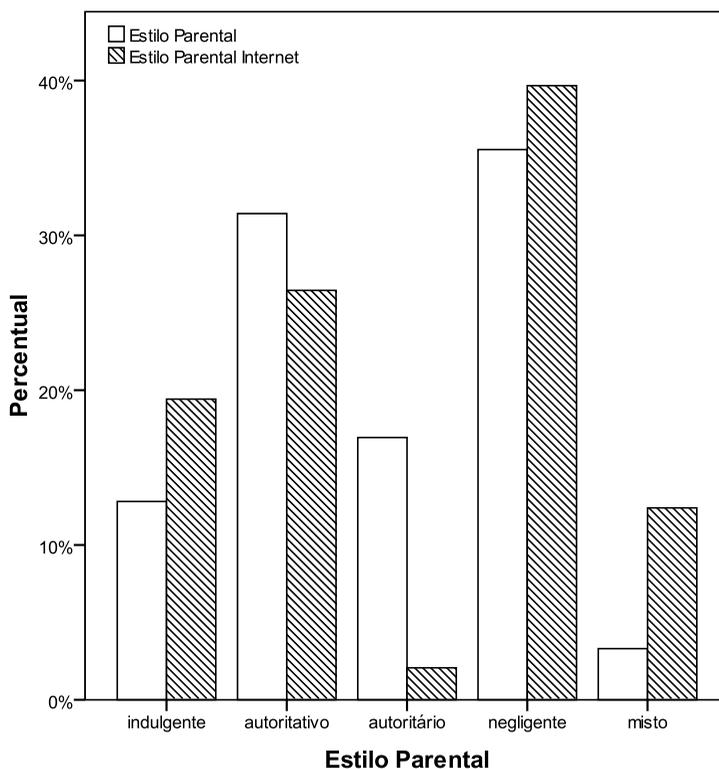


Figura 9. Comparação entre a classificação do estilo parental e do estilo parental na internet, obtida a partir das respostas das crianças (N=242).

Tanto o coeficiente de correlação ρ de Spearman ($\rho = 0,147$; $p = 0,022$) quanto o T de Kendall ($T = 0,126$; $p = 0,023$) indicaram que existe, respectivamente, relação e concordância entre as classificações obtidas nas duas escalas a partir da análise das respostas das crianças.

Ao observar os resultados obtidos através do teste *qui-quadrado* ($X^2 = 49,700$; $gl = 16$; $p = 0,000$), também foi possível verificar associação entre as classificações obtidas para as duas escalas, mas o V de Cramer obtido revelou que se trata de uma fraca associação (0,23), dado que menos de 5% da variação nas respostas de uma escala deveriam-se as respostas fornecidas na outra. Por meio dos valores dos resíduos ajustados foi possível verificar que as maiores associações diretas (ou seja, para os pais classificados com o mesmo estilo nas duas escalas) encontram-se entre os estilos autoritativos (5,3) e negligentes (3,8), como se observa na figura 9; e as menores associações (ou seja, pais classificados com estilos diferentes nas duas escalas) entre os estilos autoritários (0,2).

A análise das relações entre as dimensões das duas escalas (controle parental, afetividade parental, exigência parental e responsividade parental), realizada por meio do coeficiente de correlação r de Pearson para os escores totais de cada dimensão, tem seus resultados apresentados na tabela 14. Como se observa, há uma correlação positiva forte e altamente significativa ($r = 0,70$; $p = 0,000$) entre as respostas dadas as dimensões controle e afetividade da escala de EPI, indicando que possuem 49% de variância compartilhada, ou seja, 49% da variabilidade observada na dimensão de exigência pode ser explicada pela variabilidade nas respostas dadas a dimensão de afetividade parental. Ou seja, os pais são tão exigentes quanto afetivos (e vice-versa) no que se refere ao uso da internet pelas crianças.

Quanto as dimensões da escala de EP, observa-se uma correlação positiva moderada e altamente significativa ($r = 0,54$; $p = 0,000$) entre as dimensões exigência e responsividade, indicando que estas dimensões possuem 29% de variância compartilhada, ou seja, 29% da variabilidade encontrada para a dimensão de responsividade pode ser explicada pela variabilidade nas respostas dadas a dimensão de controle (e vice-versa).

Entre as duas escalas (EP e EPI), como se observa na tabela 14, há uma correlação positiva moderada altamente significativa ($r = 0,42$; $p = 0,000$) entre as dimensões afetividade parental (EPI) e exigência parental (EP), revelando que possuem aproximadamente 17% de

variância compartilhada; e uma correlação positiva fraca ($r=0,35$; $p=0,000$) entre as dimensões de afetividade parental (EPI) e de responsividade parental (EP), com apenas 12% de variância compartilhada. Ou seja, os pais com níveis maiores de afetividade no que se refere ao uso da internet pelas crianças são também mais exigentes e responsivos com outros aspectos da criação dos filhos (e vice-versa).

Tabela 13. Relação entre dimensões da escala de estilo parental na internet (EPI) e da escala de estilo parental (EP) a partir das respostas das crianças (N=242). A média (M) e o desvio padrão (DP) obtidos para a soma dos escores totais de cada dimensão são apresentados.

Dimensão (escala)	Estilo Parental Internet		Estilo Parental	
	Controle	Afetividade	Exigência	Responsividade
	M= 29,06 DP= 9,66	M= 40,67 DP= 13,77	M= 27,95 DP= 6,17	M= 50,42 DP= 6,47
Controle Parental (EPI)	<i>r de Pearson</i>	1	,699*	,301* ,171**
Afetividade Parental (EPI)	<i>r de Pearson</i>		1	,423* ,351*
Exigência (EP)	<i>r de Pearson</i>			1 ,537*
Responsividade (EP)	<i>r de Pearson</i>			

* $p=0,000$; ** $p=0,008$.

Com base nas respostas das crianças para assuntos mais gerais de sua criação, também observa-se que os pais mais responsivos são também mais controladores (e vice-versa), porém praticamente 70% da variabilidade observada nas respostas deve-se a influência de outros fatores.

A análise destes resultados também indicou uma correção positiva fraca ($r=0,30$; $p=0,000$) entre as respostas das crianças para a dimensão de controle parental (EPI) e exigência parental (EP), revelando cerca de 9% de variância compartilhada, e ainda, revelou que há uma correlação positiva muito fraca ($r=0,17$; $p=0,008$) entre a

dimensão de controle parental (EPI) e responsividade parental (EP), com apenas aproximadamente 3% de variância compartilhada. Ou seja, parece que os níveis de controle aplicados com relação ao uso da internet (EPI) são influenciados somente em pequena medida pelos níveis de exigência e responsividade aplicados (e vice-versa)

Para investigar a influência do gênero e da faixa etária da criança sobre as médias dos escores totais obtidos para as dimensões das duas escalas (controle/afetividade e exigência/responsividade) utilizou-se do teste *t de Student*.

A análise destes resultados indica que não há diferença com relação ao gênero da criança para as médias encontradas para as dimensões da escala EPI: controle parental [t(240)=0,58 e p=0,559]; e afetividade parental [t(240)=-0,67 e p=0,506]; tão pouco para as médias obtidas para as dimensões da escala de EP (ver tabela 6): exigência parental [t(240)=-1,03 e p=0,304]; e responsividade parental [t(157)=-1,28 e p=0,201]. Percebe-se, então, que o gênero do filho não influencia na maneira como as crianças percebem os níveis de controle/exigência e afetividade/responsividade atribuídos aos pais.

Quanto a faixa etária dos filhos, observou-se diferença nas duas dimensões da escala de EPI. O teste *t de Student* indicou diferença estatisticamente significativa [t(240)=4,53; p=0,000] entre as médias dos escores totais para a dimensão de controle parental [faixa etária de 7 a 9 anos: M=32,20; DP=1,35; e faixa etária de 10 a 12 anos: M=26,73; DP=0,70]; revelando que na visão das crianças mais novas, os pais são considerados mais controladores no que diz respeito ao uso da internet. A análise dos resultados também indicou que existe diferença estatística significativa [t(240)=3,97; p=0,000] entre as faixas etárias quanto a média obtida na dimensão de afetividade parental desta mesma escala (EPI) [faixa etária de 7 a 9 anos: M=44,64; DP=1,35; e faixa etária de 10 a 12 anos: M=37,73; DP=1,70], revelando que também na visão das crianças mais novas, os pais foram considerados mais afetivos nos aspectos relacionados ao uso da internet (EPI). Com relação aos aspectos de criação mais gerais, ou seja, nas respostas dadas a escala de EP, percebe-se que não houve diferença estatística significativa entre as faixas etárias para as médias obtidas para a dimensão de exigência [t(240)=-0,30; p=0,76]; tão pouco para a dimensão responsividade parental [t(240)=0,38; p=0,70], revelando que a faixa etária das crianças não interfere com o modo como percebem o comportamento de seus pais direcionados aos aspectos gerais de sua criação (EP).

Uma síntese dos resultados para as análises feitas a partir das respostas das crianças encontra-se no quadro 3.

Quadro 3 Síntese dos principais resultados referentes a verificação da hipótese implícita desta tese (EP e EPI são correspondentes), obtidos a partir da análise das respostas das crianças (N=242).

Análises	Síntese dos Resultados
<p><i>Relações entre as classificações obtidas nas duas escalas de Estilo Parental</i></p>	<p>Foi possível verificar uma fraca associação entre as classificações dos estilos (EPI e EP), sendo os pais (na visão das crianças) negligentes e autoritativos</p>
<p><i>Relações entre as dimensões das escalas (controle parental, afetividade parental, exigência parental e responsividade parental)</i></p>	<p>EPI: há uma correlação positiva forte entre as respostas dadas as dimensões controle e afetividade da escala de EPI ($r=0,70$; $p=0,000$);</p> <p>EP: há uma correlação positiva moderada ($r=0,54$; $p=0,000$) entre as respostas dadas as dimensões exigência e responsividade;</p> <p>EPIxEP: entre as escalas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - há uma correlação positiva moderada ($r=0,42$; $p=0,000$) entre as dimensões afetividade parental (EPI) e exigência parental (EP), - há uma correlação positiva fraca ($r=0,35$; $p=0,000$) entre as dimensões de afetividade parental (EPI) e de responsividade parental (EP), - há uma correção positiva fraca ($r=0,30$; $p=0,000$) entre as respostas para a dimensão de controle parental (EPI) e exigência parental (EP), - há uma correlação positiva muito fraca ($r=0,17$; $p=0,000$) entre a dimensão de controle parental (EPI) e responsividade parental (EP).
<p><i>Relações entre o estilo parental (níveis de controle/exigência e de afetividade/responsividade) e o gênero e a faixa etária dos filhos</i></p>	<p>O gênero da criança não influenciou os níveis de controle/exigência ou de afetividade/ responsividade atribuídos aos pais.</p> <p>A faixa etária das crianças não interferiu com o modo como as crianças percebem o comportamento de seus pais direcionados aos aspectos gerais de sua criação (exigência/responsividade), porém, as crianças mais novas (7- 9anos), consideram os pais mais afetivos e mais controladores nos aspectos relacionados ao uso da internet que as crianças mais velhas (10- 12 anos).</p>

5.8 RELAÇÕES ENTRE ESTILO PARENTAL, ESTILO PARENTAL NA INTERNET, NÍVEL DE USO E EXPOSIÇÃO AO RISCO ONLINE

Para verificar as relações existentes entre o estilo parental (EP e EPI) e o nível de uso da internet e a exposição das crianças ao risco *online*; a Análise de Variância (ANOVA) foi calculada, tendo como fatores o estilo parental (variável nominal), o estilo parental na internet (variável nominal), e tendo como variáveis dependentes numéricas, o índice de uso da internet e a soma dos escores das respostas de exposição ao risco. Nos casos em que o teste de homogeneidade (*Levene*) foi significativo e, portanto, não houve distribuição homogênea, utilizou-se teste *Pos-Hoc* de *Tamhane*, nos demais, utilizou-se do teste de *Tukey*. Para apurar as análises, verificou-se as relações entre as dimensões das escalas de EP (exigência/responsividade) e EPI (controle/afetividade), o índice de uso e a soma dos escores de exposição ao risco.

Para facilitar o entendimento, as respostas também são apresentadas por grupo de análise.

5.8.1 Na visão dos pais

A análise de variância entre estes grupos indicou que houve diferença estatística significativa apenas entre o EP e o nível de uso das crianças ($F(3)=4,13$; $p=0,007$).

A partir do teste *Pos-Hoc* de *Tamhane* ($F_{Levene}=9,36$; $p=0,000$), na comparação par a par verificou-se que essa diferença apresenta-se entre os estilos Indulgente e Negligente ($D=0,77$; $p=0,007$), sendo que os pais negligentes são que os possuem as maiores médias do índice de uso da internet atribuído ao filho; ou seja, os pais que consideram que os filhos possuem maior uso da internet são mais negligentes, como se observa na figura 10, enquanto os pais que possuem as menores médias de uso da internet aos filhos são mais indulgentes.

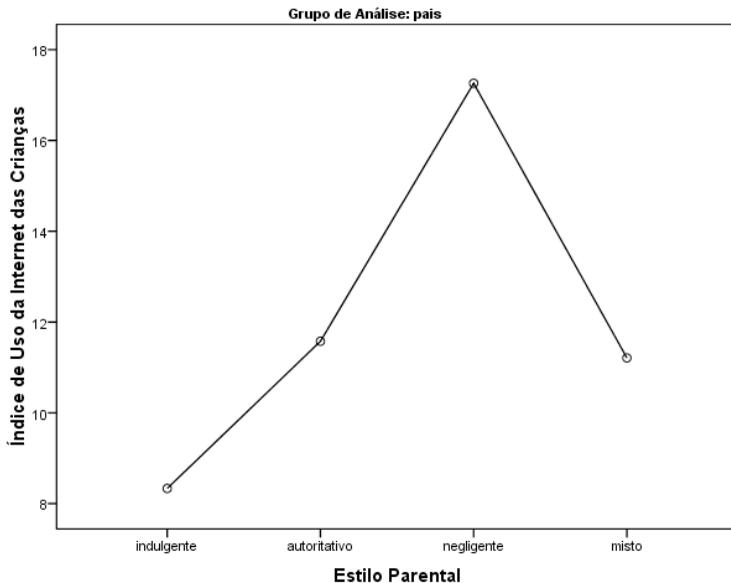


Figura 10. Relação entre as médias do índice de uso da internet das crianças e o estilo parental, a partir das respostas dos pais (N=159).

Como informado, a análise não indicou relação entre a classificação do EP e as médias obtidas para o índice de uso da internet pelo próprio pai ($F(3)=29,12$; $p=0,77$) e para a exposição ao risco que atribuída ao filho [$F(3)=1,41$; $p=0,24$].

Da mesma forma, com relação ao EPI, a análise de variância revelou que não houve relação entre a classificação do EPI e as médias obtidas para o índice de uso da internet pelo próprio pai ($F(4)=1,71$; $p=0,15$); nem para o índice de uso do filho ($F(4)=1,18$; $p=0,32$), tão pouco para exposição ao risco que é atribuída ao filho ($F(4)=0,30$; $p=0,879$).

Em suma, a partir das respostas dos pais, o EP, mas não o EPI, relaciona-se a visão que os pais possuem sobre o uso da criança, sendo que os pais mais indulgentes acreditam no menor nível de uso da internet pelos filhos; e os pais mais negligentes acreditam no maior uso da internet pelos filhos. O EP e o EPI não se relacionam a exposição ao risco que os pais imaginam para os filhos, tão pouco ao próprio nível de uso da internet.

5.8.2 Na visão das crianças

A análise de variância entre o EP e o nível de uso das crianças não indicou diferença estatística significativa ($F(4)=1,84$; $p=0,12$), indicando que na visão das crianças, a quantidade de uso que fazem da internet não está relacionada ao estilo parental percebido. Por outro lado, a análise de variância entre o EP e o nível de exposição ao risco das crianças revelou diferença estatisticamente significativa (exposição ao risco $F(4)=5,53$; $p=0,000$).

A partir do teste *Pos-Hoc* de *Tukey* ($F_{Levene}=2,50$; $p=0,14$), na comparação par a par verificou-se que essa diferença apresenta-se entre os estilos Negligente e Indulgente ($D=0,79$; $p=0,007$), Negligente e Autoritativo ($D=0,58$; $p=0,001$) e Negligente e Autoritário ($D=0,81$; $p=0,01$); revelando que as crianças que percebem seus pais como negligentes possuem as maiores médias de exposição ao risco, ao passo que as menores médias de exposição ao risco são observadas dentre as crianças cujos pais foram classificados com outros estilos, como se observa na figura 11.

Com relação ao EPI, a análise de variância revelou o oposto. Ou seja, que há diferença estatística significativa entre as médias de uso da internet e o EPI ($F(4)=6,67$; $p=0,000$); mas não entre o EPI e a exposição das crianças ao risco ($F(4)=1,42$; $p=0,22$).

A partir do teste *Pos-Hoc* de *Tukey* ($F_{Levene}=1,62$; $p=0,17$), na comparação par a par verificou-se que essa diferença para o uso da internet apresenta-se entre os estilos Indulgente e Autoritativo ($D=0,66$, $p=0,001$); Indulgente e Autoritário ($D=0,68$, $p=0,03$); Indulgente e Misto ($D=0,59$, $p=0,04$); e ainda, entre o Autoritativo e Negligente ($D=0,76$, $p=0,004$); revelando que as crianças que classificaram os pais como indulgentes são as que mais fazem uso da internet, ao passo que as que classificaram seus pais como autoritários, fazem menor uso da internet (figura 12).

Em suma, a partir das respostas das crianças, o EP, não está relacionado ao nível de uso, mas está relacionado a exposição ao risco (negligente >risco; indulgente <risco) e o EPI está relacionado ao nível de uso da criança (indulgente >uso; autoritário<uso; negligente mais uso que autoritativo).

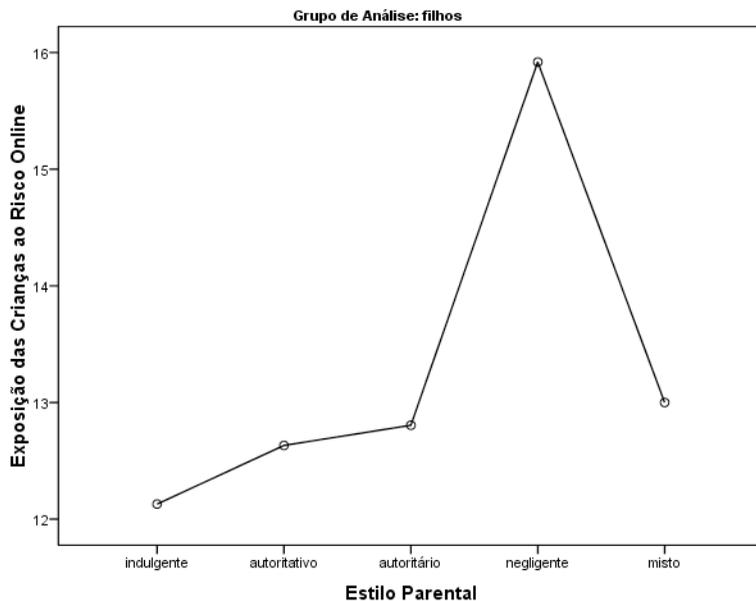


Figura 11. Relação entre as médias dos escores de exposição das crianças ao risco e o estilo parental, a partir das respostas das crianças (N=242).

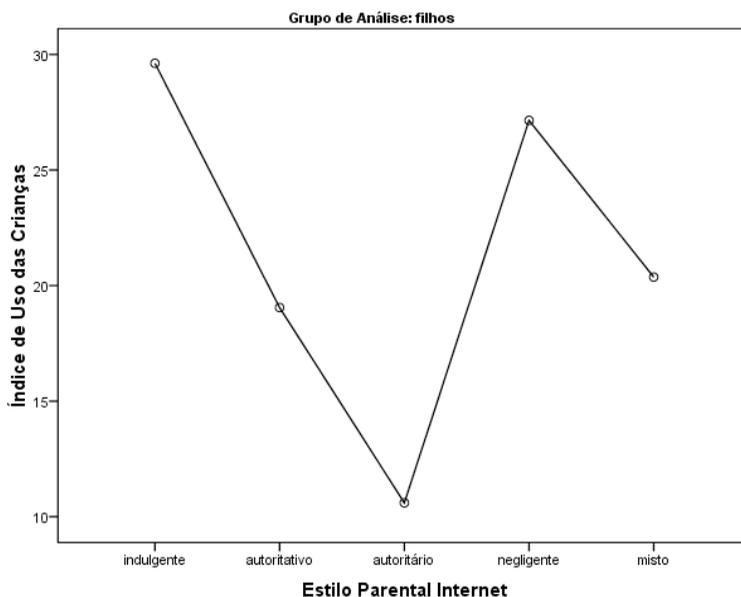


Figura 12. Relação entre as médias dos escores de usa da internet pelas crianças e o estilo parental na internet, a partir das respostas das crianças (N=242).

Para analisar um pouco melhor esta relação entre as variáveis de estudo, também se utilizou do teste estatístico de correlação de *Pearson* para verificar as relações das dimensões dos estilos, exposição ao risco e nível de uso da internet pelas crianças (todas variáveis numéricas). Os resultados são apresentados na tabela 15.

Como se observa, parece que na visão dos pais a exposição ao risco não se relaciona com nenhuma das dimensões analisadas do EP ou do EPI. Entretanto, maiores níveis de controle parental (EPI), ou seja, de controle direcionado especificamente ao uso da internet, e maiores níveis de responsividade (EP), ou seja, de responsividade direcionadas a aspectos gerais de criação, encontram-se correlacionados com menores níveis de uso da internet pelas crianças.

Tabela 14. Dimensões das escalas de estilo parental e estilo parental na internet e suas relações com o uso da internet e a exposição das crianças ao risco, a partir da resposta de pais (N=159) e das crianças (N=242).

		Uso da Internet pelas crianças		Exposição das Crianças ao Risco Online	
PAIS	Dimensões das Escalas	<i>r de Pearson</i>	<i>p</i>	<i>r de Pearson</i>	<i>p</i>
		Controle Parental (EPI)	-0,19	0,01*	-0,05
	Afetividade Parental (EPI)	-0,10	0,19	-0,06	0,41
	Exigência Parental (EP)	-0,09	0,22	-0,02	0,76
	Responsividade (EP)	-0,25	0,002*	-0,01	0,88
	Exposição ao Risco	0,09	0,23		
CRIANÇAS	Dimensões das Escalas	<i>r de Pearson</i>	<i>p</i>	<i>r de Pearson</i>	<i>p</i>
	Controle Parental (EPI)	-0,27	0,000*	-0,15	0,02*
	Afetividade Parental (EPI)	-0,15	0,01*	-0,22	0,001*
	Exigência Parental (EP)	-0,17	0,008*	-0,15	0,02*
	Responsividade (EP)	-0,07	0,26	-0,27	0,000*
	Exposição ao Risco	0,06	0,34		

Em suma, a partir das respostas das crianças, o EP, não está relacionado ao nível de uso, mas está relacionado a exposição ao risco (negligente >risco; indulgente <risco) e o EPI está relacionado ao nível de uso da criança (indulgente >uso; autoritário<uso; negligente mais uso que autoritativo). Ou seja, na visão das crianças, pais percebidos como indulgentes (EPI) oportunizam maiores níveis de uso, ao mesmo tempo em que, também, oportunizam menor exposição ao risco.

6. VISÃO GERAL

Antes de iniciarmos a discussão dos dados, uma breve visão geral dos principais aspectos e resultados da tese é apresentada por meio do quadro 4 e da figura 13.

Quadro 4. Principais aspectos e resultados desta tese.

Pergunta de pesquisa		
<i>Quais as relações entre estilo parental e estilo parental na internet, e de que maneira eles se relacionam com a exposição das crianças (de 7 a 12 anos) ao risco online?</i>		
Objetivo Geral da Tese		
Investigar as relações entre estilo parental e estilo parental na internet e quais as implicações destes para a exposição de crianças (de 7 a 12 anos) ao risco <i>online</i> .		
Hipóteses	Objetivos específicos decorrentes	Resultados
Hipótese 1 (H1): o estilo parental e o estilo parental na internet não são correspondentes, ou seja, que existe diferença entre a classificação do estilo parental e a classificação do estilo parental na internet	c) Averiguar a correspondência entre as classificações do estilo parental adotado para guiar o uso da internet pelos filhos e do estilo adotado para aspectos gerais de criação dos filhos;	H1 - Rejeitada. O EP e o EPI encontrados são correspondentes em cada grupo de análise: para os pais: autoritativos nos 2 estilos (e depois negligentes); para os filhos: negligente nos 2 estilos (e depois; autoritativos)
Hipótese 2 (H2): existe relação entre os estilos parentais estudados (e suas respectivas dimensões), o nível de uso da internet e a exposição das crianças ao risco <i>online</i> ;	d) Averiguar se existem relações entre o nível de uso da internet, a exposição das crianças ao risco <i>online</i> e os níveis de	H2 - Confirmada. para os pais: somente EP fracamente associado com o uso da internet que atribuem aos filhos (estilo negligente > uso e estilo indulgente < uso), para os filhos: o EP encontra-se

	<p>controle/afetividade e exigência/responsividade aplicados pelos pais.</p>	<p>relacionado a exposição ao risco (estilo negligente > risco); e também as dimensões de suas escalas (maior exigência < uso da internet; mais exigência e mais responsividade < risco); e ainda, o EPI encontra-se relacionado ao uso da internet (estilo indulgente > uso; estilo autoritário < uso), e também as dimensões de suas escalas (mais controle e mais afetividade < menor uso; e mais controle e mais afetividade < riscos)</p>
<p>Hipótese 3 (H3) quanto maior a afetividade/responsividade parental adotados pelos pais para guiarem o uso da internet pelos filhos, menor o nível de uso e a menor a exposição das crianças ao risco <i>online</i>;</p>		<p>H3 – Confirmada</p> <p>para os pais: fraca associação entre a dimensão controle (EPI) e a redução do uso, e entre a dimensão responsividade (EP) e a redução do uso da internet.</p> <p>para os filhos: as dimensões do EP (afetividade/responsividade) e do EPI (controle/exigência), estão correlacionadas negativamente com o uso da internet e da exposição ao risco.</p>
<p>Hipótese 4 (H4) pais e filhos apresentam respostas diferentes para as variáveis investigadas, ou seja, haverá diferenças entre as classificações dos estilos parentais investigados, bem como, os pais acreditam que o nível de uso da internet pelas crianças e seu nível de exposição ao risco <i>online</i> sejam menores que os relatados pelas crianças.</p>	<p>a) Verificar o nível de utilização da internet de pais e filhos, levando em conta o tempo diário e a frequência semanal de uso;</p> <p>b) Verificar a ocorrência de comportamentos considerados de exposição ao risco <i>online</i> presentes na utilização da</p>	<p>H4 – Confirmada</p> <p>pais e filhos apresentam classificações de estilo diferentes (pais autoritativos no EP e EPI /e na visão das crianças, os pais são negligentes no EP e EPI); os pais acreditam que o uso da internet seja menor que o informado por elas (75% atribui nível baixo ou muito baixo de uso da internet aos filhos, enquanto 48% das crianças foi classificada com um nível alto ou muito alto de uso). A última questão quanto a H4, que os pais acreditam que a exposição ao risco das crianças seja menor que a informada por elas necessita ser</p>

	internet pelas crianças;	relativizada. Isso porque enquanto a grande maioria dos pais (89%) consideram que os filhos apresentam um nível muito baixo de exposição ao risco na internet, o que foi observado na classificação obtida para a maioria das crianças (74%), por outro lado, a totalidade dos pais (99%) não considera a possibilidade mínima de exposição ao risco do filho, o que pode ser preocupante frente aos 12% das crianças da amostra que foram classificadas com nível intermediário, alto ou muito alto de exposição ao risco. Vê-se que os pais não estão percebendo adequadamente esta questão, por isso considera-se a H4 em sua totalidade, confirmada.
--	--------------------------	--

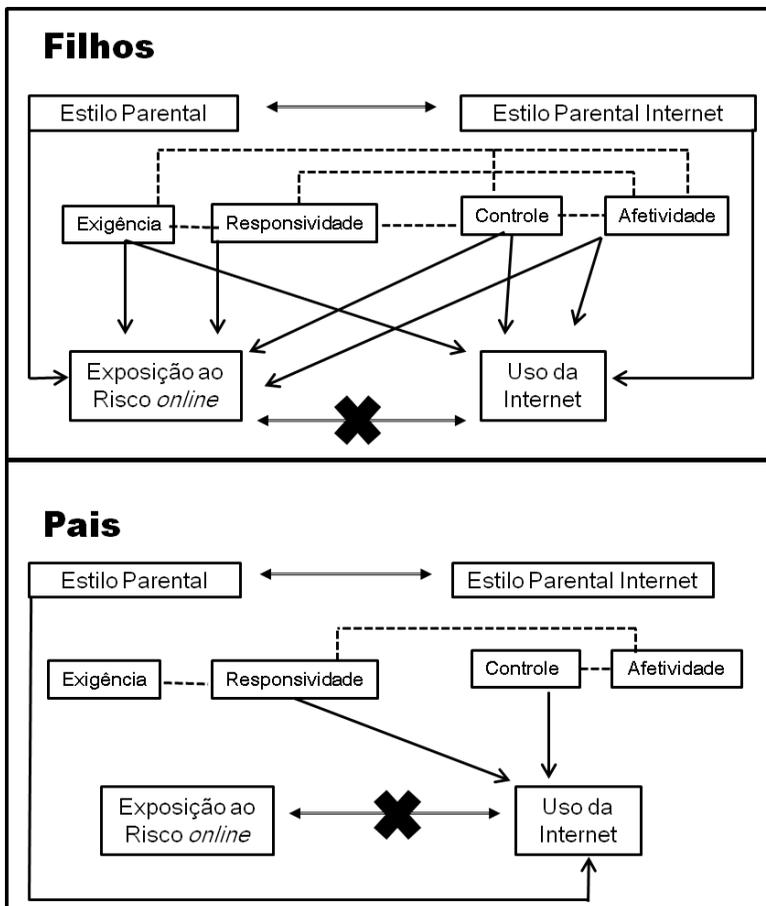


Figura 13. Relações observadas entre as principais variáveis do estudo.

7. DISCUSSÃO

8. CONCLUSÕES

Em conjunto, nossos dados revelam que o estilo parental pode ser considerado um preditor para o comportamento das crianças na internet; sendo o estilo negligente associado aos maiores níveis de uso e de exposição ao risco. Porém, diferentemente do comumente encontrado na literatura, em nosso estudo não foi o estilo autoritativo o mais associado aos menores níveis de uso e de exposição ao risco, mas sim o estilo indulgente, o que foi uma surpresa dentro dos resultados esperados. Nossos dados também sugerem uma grande discrepância entre os comportamentos dos filhos na internet e a visão que os pais possuem a este respeito, o que poderia prejudicar a correta orientação das crianças frente a algumas situações de risco.

Nesse sentido, apesar da grande divulgação no senso comum sobre os riscos existentes no uso da internet pelas crianças, parece que os pais de nossa amostra ainda não adotam uma postura mais atuante a fim de protegê-las destes riscos, tão pouco, possuem uma visão adequada do comportamento de seus filhos em relação a internet. E embora os resultados encontrados em nosso estudo nos permitam assumir que os pais adotam o mesmo estilo para criação dos filhos e para guiá-los no uso da internet, os resultados devem ser vistos com cautela, especialmente por conta das limitações do estudo. Como por exemplo, o pouco número de pais comparado ao número de mães que responderam ao questionário, o não pareamento entre as respostas de pais e filhos, a não aplicação piloto do instrumento final e, ainda, a não validação da escala de estilo parental típico na internet no contexto brasileiro (embora tenham apresentado consistência interna aceitável e estrutura fatorial favorável). Além disso, o alto índice de deselegibilidade social detectada nas respostas dos pais pode refletir insegurança por parte dos mesmos quanto ao modo de agir para com o uso da internet pelos filhos, assim como os resultados das crianças, em alguma medida, também podem refletir uma visão distorcida ou equivocada das práticas dos pais (ou sobre seu próprio comportamento, como por exemplo, na visão que possuem do tempo diário gasto com a internet).

Como sugestões para trabalhos futuros, recomenda-se além da ampliação da amostra de pais, que permitiriam comparações entre o

comportamento de pais e mães, que as análises também incluam outras variáveis (como preocupações, crenças, mediação, etc.) para averiguar se existem outras diferenças entre o comportamento dos pais no que tange a aspectos gerais da criação dos filhos e a orientação dos filhos para o uso da internet, ou que possam ser considerados preditores do uso seguro da internet e até, do estilo parental por eles adotado. Também a idéia de incluir uma conversa mais estruturada com grupos de crianças pode ser útil para entender melhor como elas se relacionam com a internet, e ainda, esclarecer questões que possam ter suscitado dúvidas; o que seria ótimo se pudesse ser feito, em alguma medida, também com os pais.

Por fim, destaca-se que as peculiaridades existentes nas relações envolvendo o gerenciamento da internet no ambiente familiar é um campo fértil de investigações no âmbito da parentalidade, e que ainda carece de maiores investigações especialmente da psicologia, para que se possa avançar no entendimento das nuances envolvidas neste processo e suas repercussões para o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida A. N. de (Coord.), Delicado A. & Alves, N. de A. (2008). *Crianças e internet: usos e representações, a família e a escola*. Lisboa, Portugal. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Almeida, A.N., Alves, N. A. & Delicado, A. (2011). As Crianças e a Internet em Portugal - Perfis de uso. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 65, pp.9-30.

Almeida, A.N., Alves, N. A., Delicado, A. & Carvalho, T. (2011). Children and digital diversity: From ‘unguided rookies’ to ‘self-reliant cybernauts’. *Childhood*, pp. 1–16.

Aslanidou, S., & Menexes, G. (2008). Youth and the Internet: Uses and practices in the home. *Computers & Education*, 51(3), pp. 1375-1391.

Aspesi, C., Dessen, M., & Chagas, J. (2005). A ciência do Desenvolvimento Humano: uma perspectiva interdisciplinar. Em M. Dessen & A. Costa Jr. (Orgs). *A ciência do desenvolvimento humano – tendências atuais e perspectivas futuras*. Artmed. Porto Alegre: pp. 19-36

Barkin, S.Ip.E., Richardson, I., Klinepeter, S., Finch, S., & Krcmar, M. (2006). Parental media mediation styles for children aged 2 to 11 years. *Archives of pediatrics & adolescent medicine*, 160(4), pp. 395-401.

Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 12, pp. 230-234.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37: pp. 887-907.

Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3: pp. 255-272.

Beach, R. (2010). Developing a cybersafety program for early childhood education: A New Zealand case study. Em: I. R., Berson & M. J. Berson, (Eds.), *High-tech tots: Childhood in a digital world, research in*

global child advocacy. CT: IAP Information Age Publishing. Greenwich, pp. 71-92.

Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, 71(6), 1687-1708.

Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2002). Evolutionary perspectives on social development. Em: P. K. Smith & C. H. Hart, (Eds.), Blackwell handbook of childhood social development. *Blackwell handbook of developmental psychology*. Malden, MA, US: Blackwell Publishers, pp. 44-59.

Boyer, P. & Heckhausen, J. (2002). Introductory notes. *American Behavioral Scientist*, 43: pp. 917-925.

Bremer, J. (2005). The Internet and children: Advantages and disadvantages. *Child & Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 14, pp. 405-428.

Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental Science in the 21st century: Emerging Questions, Theoretical Models, Research Designs and Empirical Finding. *Social Development*, 9(1), pp. 115-125.

Bussab, V. S., & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. Em: L. Souza, M. F. Freitas, & M. M. Rodrigues. *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. Casa do Psicólogo. São Paulo: pp. 175-193

Bussab, W. O. & Morettin, P. A. (2002). *Estatística Básica*. 5ª edição. Saraiva, São Paulo. Acessado em maio/2011. Disponível em: br.librosintinta.in/bussab-morettin-pdf.html

Çankaya, S., & Odabaşı, H. F. (2009). Parental controls on children's computer and Internet use. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 1(1), pp. 1105-1109.

Cartwright, G. F., Finkelstein, A. B. A., & Maennling, M. K. B. (2008). Caught in the web: Internet risks for children. Em: Shore, M. W. Aulls, M. A. Delcourt (Eds.), *Inquiry in education: Overcoming barriers to successful implementation*. Taylor & Francis/Erlbaum. Vol. 2. New York, pp. 119-127.

Cho, C., & Cheon, H. J. (2005). Children's exposure to negative Internet content: Effects of family context. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 49, pp. 488-509.

Cole, M., & Cole, S. (2004). *O Desenvolvimento da criança e do adolescente*. (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed (trabalho original publicado em 2001).

Comitê Gestor da Internet no Brasil (2011). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2010.

Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, pp. 465-473.

Croll, J., & Kunze, K. (2010). Youth protection *online*: Joint efforts are needed. Em: Berson, I. R. & Berson, M. J. (Eds.), *High-tech tots: Childhood in a digital world, research in global child advocacy*. Greenwich, CT, US: IAP Information Age Publishing. pp. 153-183

Dancey, C.P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artes Médicas

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, Vol 113(3), pp. 487-493.

De Moor, S., Dock, M., Gallez, S., Lenaerts, S., Scholler, C., & Vleugels, C. (2008). *Teens and ICT: Risks and opportunities*. Acessado em maio/2011 em http://www.belspo.be/belspo/fedra/TA/synTA08_nl.pdf.

Dessen, M. A., & Costa Júnior, A. L. (2006). A ciência do desenvolvimento humano: desafios para pesquisa e para os programas de pós-graduação. Em: D. Colinvaux, L. B. Leite & D. Dell'Aglio (Orgs.), *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. Casa do Psicólogo, São Paulo. pp. 133-158

Duerager, A.; Livingstone, S. (2012) *How can parents support children's internet safety?* EU Kids Online, London, UK.

Eastin, M. S., Yang, M. S., & Nathanson, A. I. (2006). Children of the Net: An empirical exploration into the evaluation of Internet content. *Journal Of Broadcasting & Electronic Media*, 50, 211-230.

Eastin, M., Greenberg, B. S. & Hofschire, L. (2006). Parenting the Internet. *Journal of Communication*, 56, pp. 486-504.

Ey, Lesley-Anne & Cupit, C. Glenn (2011). Exploring young children's understanding of risks associated with Internet usage and their concepts of management strategies. *Journal of Early Childhood Research* 9(1) 53–65. DOI: 10.1177/1476718X10367471 2011

Ferreira, S.H.A. & Barrera, S.D. (2010). Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. *Psico*; v. 41, n. 4, pp. 462-472.

Garmendia, M., Garitaonandia, C., Martínez, G. & Casado, M. A. (2011): *Riesgos y seguridad en internet: Los menores españoles en el contexto europeo*. Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, Bilbao: *EU Kids Online*.

Gauy, F. V. & Costa, A. L., Jr. (2005). A natureza do desenvolvimento humano: Contribuições das teorias biológicas. Em M. A. Dessen & A. L. Costa, Jr. (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed. pp.53-70

Geary, D. C. & Bjorklund, D. F. (2000). Evolutionary developmental psychology. *Child Development*, 71 (1), 57-65.

Geary, D.C. (1995). Reflections of evolution and culture in children's cognition: Implications for mathematical development and instruction. *American Psychologist*, 50: pp. 24-37.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 1a. Ed. São Paulo: Atlas.

Gomes, M. J.; Valente, L. & Dias, P. (2008). Seguranet – Um levantamento exploratório das práticas de risco dos jovens portugueses no uso da Internet. Em: *Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da educação – Educação para sucesso: políticas e actores*; pp. 849-858.

Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.

Greenfield, P. M., Keller, H., Fuligni, A., & Maynard, A. (2003). Cultural pathways through universal development. *Annual Review Psychology*, 54, 461–490.

Hair, J.; Anderson, R.; Tatham, R. & Black, W. (1998). *Multivariate Data Analysis*. 5. Ed. Upper Saddle. River: Prentice-Hall.

Hambleton, R.K. & Patsula, L. (1998). Adapting tests for use in Multiple languages and cultures. *Social Indicators Research*, Kluwer Academic Publishers. Netherlands.45: pp. 153–171.

Hansen, J.; Macarini, S. M.; Martins, G. D. F.; Warderlind, F. H.; & Vieira, M. L. (2007). O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(2), PP. 133-143.

Harkness, S. & Super, C.M. (1986). The Developmental Niche: A Conceptualization at the Interface of Child and Culture. *International Journal of Behavioral Development*; 9; pp. 545-569.

Harkness, S., & Super, C. M. (1996). Introdução. Em: S. Harkness, & C. M. Super, *Parents' cultural beliefs systems: their origins expressions, and consequences*. The Guilford Press. New York. pp. 1-23

Harkness, S.; Super, C. M.; Axia, V.; Eliaz, A.; Palacios, J. & Welles-Nyström, B. (2001). Cultural pathways to successful parenting. *International Society for the Study of Behavioral Development Newsletter*, 38 (1), pp. 9-13.

Hasebrink, U., Görzig, A., Haddon, L., Kalmus, V. and Livingstone, S. (2011) *Patterns of risk and safety online. In-depth analyses from the EU Kids Online survey of 9-16 year olds and their parents in 25 countries*. LSE, London: EU Kids Online.

Jackson, L. A., von Eye, A., Fitzgerald, H. E., Witt, E. A., & Zhao, Y. (2011). *Internet use, videogame playing and cell phone use as*

predictors of children's body mass index (BMI), body weight, academic performance, and social and overall self-esteem. Computers in Human Behavior, 27, 599-604.

Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: a conceptualization of early ontogenetic experiences. Em: Keller, H, Poortinga, YH, Schölmerich, A, editors. *Between biology and culture: Perspectives on ontogenetic development.* Cambridge: Cambridge University Press.

Keller, H. (2007). *Cultures of Infancy.* Mahwah, NJ: Erlbaum.

Keller, H. (2008) Culture and Biology: *The Foundation of Pathways of Development Social and Personality Psychology Compass.* 2/2: pp. 668–681.

Kim, S. (2011). Effects of Internet Use on Academic Achievement and Behavioral Adjustment among South Korean Adolescents: Mediating and Moderating Roles of Parental Factors. *Child and Family Studies - Dissertations and Theses.* Paper 62. Disponível em: http://surface.syr.edu/cfs_etd/62

Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R. & Vieira, M. L. (2006) Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, ago., vol.16, no.2, pp. 96-102.

Laland, K., & Brown, G. (2002). *Sense & Nonsense: Evolutionary Perspectives on Human.* Oxford: Oxford University Press.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L. & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Leung, L. & Lee, P.S.N. (2011). The influences of information literacy, internet addiction and parenting styles on internet risks. *New Media & Society*, 14(1), pp. 117–136.

Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental Mediation of Children's Internet Use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(4), pp. 581-599.

Livingstone, S., Bober M. (2006). Regulating the Internet at Home: Contrasting the Perspectives of Children and Parents in *Digital generations: children, young people, and the new media*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 93-113.

Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A. & Ólafsson, K. (2011). Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings. *LSE, London: EU Kids Online*. Disponível em: www.eukidsonline.net

Lobe, B., Livingstone, S., Ólafsson, K. and Vodeb, H. (2011) Cross-national comparison of risks and safety on the internet: Initial analysis from the EU Kids *Online* survey of European children, *LSE London: EU Kids Online*.

Lou, S.; Shih, R.; Liu, H.; Guo, Y.; & Tseng, K (2010). The influences of the sixth graders' parents' internet literacy and Parenting Style on Internet Parenting. *TOJET (The Turkish Online Journal of Educational Technology)* – v. 9 (4).pp 173-184.

Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology, v. 4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

Maidel, S. & Vieira, M. L. (submetido). Crenças, Preocupações E Mediação Parental Do Uso Da Internet Pelas Crianças - Um Estudo Com Pais Universitários Brasileiros. *Revista Psicologia*. Lisboa, Portugal.

Maidel, S. (2009). Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, v. 1, pp.113-119.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2006). *Fundamentos de metodologia científica*. 6^a ed.. São Paulo: Atlas.

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS*. 3^a Ed.. Lisboa: Edições Sílabo, Ltda.

Mendes, N.M.S. (2011) *O impacto do cibersexo na qualidade de vida e na saúde mental*. Dissertação de mestrado. Curso de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Portugal.

Mesch, G. S. (2009). Parental Mediation, *Online Activities and Cyberbullying*. *CyberPsychology & Behavior*. 12(4). pp. 387-393

Mondin, E. M. C.(2008) Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicol. Argum.* 2008 jul./set., 26(54), pp. 233-244

Morrison, C.M. & Gore, H. (2010). The Relationship between Excessive Internet Use and Depression: A Questionnaire-Based Study of 1,319 Young People and Adults. *Psychopathology*, 43, pp. 121-126.

Mota, M. E. (2005) Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas psicol.*, 13 (2): pp. 105-111.

Nakayama, M. (2011). Parenting style and parental monitoring with information communication technology: A study on Japanese junior high school students and their parents. *Computers in Human Behavior*, 27, 1800-1805.

Oliva, A. D., Otta, E., Ribeiro, F. L., Bussab, V. S. R., Lopes, F. A., Yamamoto, M. E. & Seidl de Moura, M. L. (2006). Razão, emoção e ação em cena: A mente humana sob um olhar evolucionista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), pp. 53-62.

Pacheco, J. T. B.; Silveira, L. M. O. B. & Schneider, A. M. A. (2008) Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, pp. 66-73

Papalia, D., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. (D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Pasquali, L. (2001). *Técnicas de exame psicológico: Fundamentos das Técnicas psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pijpers, R. & Pardoën, J. (2009). *Next level: Dossier on online games for children*. The Hague: Stichting Mijn kind Online.

Pinker, S. (2004). *Tábula Rasa. A negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.

Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. Em: *On the horizon*, 9(5), pp. 1–6. MCB UP Ltd. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1532742&show=abstract>

Rinhel-Silva, C. M.; Constantino, E. P. & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2012, vol.29, n.2, pp. 221-230

Rodríguez, G. M. P. & Morales, R. V. (2007). La adicción a internet en adolescentes, se asocia con síntomas psiquiátricos como, TDAH, depresión y hostilidad. *Evid Pediatr.*, 3:104.

Rosen, L. D., Cheever, N. A. & Carrier L. M. (2008). The association of parenting style and child age with parental limit setting and adolescent MySpace behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, pp. 459-471.

Rowan, C. *Unplug-Don't Drug: A Critical Look at the Influence of Technology on Child Behavior With an Alternative Way of Responding Other Than Evaluation and Drugging*. In *Ethical Human Psychology & Psychiatry*. 2010, Vol. 12 Issue 1, p60-68, 9p

Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, P. B. (1991). *Metodología de la investigación*. México: McGraw-Hill.

Sears, R. R.; Maccoby, E. E. & Levin, H. (1970). The child rearing process. Em J. Duffy & G. Giuliani. *Selected readings in child psychology*. Berkeley, CA: McCutchan Press.

Seidl de Moura, M. & Moncorvo, M. (2006). A Psicologia do Desenvolvimento no Brasil: tendências e perspectivas. Em D. Colinaux, L. Leite & D. Dell'Áglio (Orgs.). *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo. pp.115-132.

Sim, T., Gentile, D. A., Bricolo, F., Serpelloni, G., & Gulamoydeen, F. (2012). A conceptual review of research on the pathological use of computers, video games, and the Internet. *International Journal of Mental Health and Addiction*.

Spizzirri, R. C. P. (2008). *O Uso Da Internet Na Adolescência: Aspectos Relativos Às Relações Familiares Na Pós-Modernidade*. Dissertação de Mestrado. Programa De Pós-Graduação em Psicologia. Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Super, C., & Harkness, S. (1997). The cultural structuring of child development. Em: J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Saraswathi, *Handbook of cross-cultural psychology* (2 ed., Vols. 2 - Basic processes and human development, pp. 1-39). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

Swing, E. L., Gentile, D. A., & Anderson, C. A. (2008). Violent video games: Learning processes and outcomes. Em: R. E. Ferdig (Ed.), *Handbook of research on effective electronic gaming in education*. Hershey, PA: Information Science Reference. pp. 876-892

Tabone, S. & Messina, L. (2010). Personal uses of internet and perceptions of parental mediation: a research with children 10 and 11 years old. *Procedia Social and Behavioral Sciences*: 2. pp. 2077–2082

Tooby, J., & Cosmides, L. (2005). Conceptual Foundations of Evolutionary Psychology. In: D. M. Buss, *The Handbook of Evolutionary Psychology*. Hoboken, NJ: Wiley. pp. 5-67

Valcke, M., Bonte, S., de Wever, B., & Rots, I. (2010). Internet parenting styles and the impact on Internet use of primary school children. *Computers & Education*, 55, pp. 454-464.

Valcke, M., De Wever, B., Van Keer, H., & Schellens, T. (2011). Long-term study of safe Internet use of young children. *Computers & Education*, 57(1), pp. 1292-1305. Elsevier Ltd.

Valcke, M., Schellens, T., Van Keer, H., & Gerarts, M. (2007). Primary school children's safe and unsafe use of the Internet at home and at school: An exploratory study. *Computers in Human Behavior*, 23, pp.2838-2850.

Valcke, P. (2011). A European Risk Barometer For Media Pluralism: Why Assess Damage When You Can Map Risk? *Journal Of Information Policy*: 1, pp.185-216.

Valkenburg, P. M., Krcmar, M., Peeters, A. L., & Marseille, N. M. (1999). Developing a scale to assess three different styles of television mediation: "instructive mediation," "restrictive mediation," and "social coviewing." *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 43, pp. 52-66.

Viana, H. B. & Madruga, V. A. (2008). Diretrizes para adaptação cultural de escalas psicométricas. . [Electronic version]. *Revista Digital: Buenos Aires*, Ano 12, N° 116. Acessado em 05 de Março, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd116/adaptacao-cultural-de-escalas-psicometricas.htm>

Vieira, M. L., & Prado, A. B. (2004). Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. Em: Moura, MLS, organizador. *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wartella, E. (2002). New generations – new media. *Nordicom Review*, 1(2), pp. 23-36.

Weber, L. N. D., Prado, P.M., Brandenburg, O. J & Viezzer, A. P.(2003) Avaliação da validade do questionário de estilo de atribuição para crianças (CASQ). *Psicol. esc. educ. [online]*. 2003, vol.7, n.2, pp. 161-170. ISSN 1413-8557.

Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2002). Adaptação e validação de duas escalas (exigência e responsividade) para avaliar estilos parentais [*Resumo*]. Em Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (Org.), *Anais, XI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental* (p. 208). Londrina: ABPMC.

Weber, L.N.D.; Brandenburg, O. J. & Viezzer-Salvador, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *PsicoUSF [online]*. 2003, vol.8, n.1, pp. 71-79.

Weber, L.N.D.; Prado, P.M.; Viezzer, A.P. & Brandenburg, O.J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(3), pp.323-331.

Wilson, K.A.; Bedwell, W.L.; Lazzara, E.H.; Salas, E.; Burke, C.S.; Estock, E.L. *et al.* (2009). Relationships Between Game Attributes and Learning Outcomes. *Review and Research Proposals Simulation Gaming*, (40):2. Pp. 217-266

Wong, Y. C. (2010): Cyber-Parenting: Internet Benefits, Risks and Parenting Issues, *Journal of Technology in Human Services*, 28:4, pp. 252-273.

Yamamoto, M.E., & Lopes, F.A. (2009). Coalizões e Etnocentrismo: O ponto de vista da Psicologia Evolucionista. *Oecol. Bras.*, 13(1): pp. 201-208

Yardi, S. & Bruckman, A. (2011). Social and Technical Challenges in Parenting Teens' Social Media Use. Em: Proceeding CHI '11 - Proceedings of the 2011 annual conference on Human factors in computing systems. pp. 3237-3246

APÊNDICES

